

PERSPECITVAS DAS RELIGIÕES POPULARES NO MARANHÃO NO PRÓXIMO MILENIO

**Anais de Seminário de Estudo do INTECAB-MA
São Luís, outubro de 1998**

Organização e apresentação de Mundicarmo Ferretti

Coordenação Geral: Maria Celeste Santos

Coordenação do Evento: Sergio Ferretti

**Agradecimentos especiais:
CEPRAMA**

GP:MINA/UFMA

São Luís

INTECAB-MA

2000

**PERSPECTIVAS DAS RELIGIÕES POPULARES NO MARANHÃO NO PRÓXIMO MILENIO:
SEMINÁRIO DE ESTUDOS**

Data: 20 a 22 de Outubro de 1998 - 19 às 21 horas

Local: Auditório do CEPRAMA

Organização:

INSTITUTO DA TRADIÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA - Coordenação do Maranhão
(INTECAB-MA)

Coordenação: Sergio Ferretti

Apoio:

UFMA/GRUPO DE PESQUISA RELIGIÃO E CULTURA POPULAR

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE

CEPRAMA

Programação:

20/10/98 - LIBERDADE DE CULTO E DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA

Apresentadores: Jacinta M. Santos (Pastoral do Negro); Yolanda Primaz Motta
(Centro Luz e Caridade; INTECAB)

Debatedores: Leopoldo Nunes Neto (Tenda Espirita Jardim das Oliveiras); Joel Brito
Barros (Primeira Igreja Batista); Mohab José Sousa (Lar Pousou da Esperança)

21/10/98 - RELIGIÕES POPULARES E OS MEIOS DE MASSA

Apresentadores: Padre Bráulio Aires (Paróquia de Ribamar); Roza Santos (Rádio
Universidade; INTECAB)

Debatedores: Flávia Regina Melo (Revista Parla); Nunes do Espirito Santo (Movimento
Negro); Venina Barbosa (Candomblé da Casa Fanti-Ashanti; INTECAB)

22/10/98 - PERSPECTIVAS DAS RELIGIÕES POPULARES NO PRÓXIMO MILÊNIO

Apresentadores: Euclides Ferreira (Casa Fanti-Ashanti; INTECAB); Osmir Freire
(Federação Espírita do Maranhão)

Debatedores: Lyndon Santos (Igreja Congregacional); Aniceto Cantanhede (Centro de
Cultura Negra); Mundicarmo Ferretti (INTECAB).

RESUMO:

O INTECAB, criado em 1987 em Salvador, tem entre seus objetivos o de zelar pela comunidade afro-brasileira em sua diversidade e realizar estudos buscando o respeito que a Religião merece. O término de um ano, de um século ou de um milênio constituem épocas de revisão do que se fez e de planejamento de novas ações. Os debates do Seminário foram enriquecedores e contou com a participação de membros de diversas religiões. Foi uma oportunidade de conhecer um pouco a diversidade religiosa do Maranhão. Apresentamos aqui resumidamente algumas das idéias apresentadas:

1) No campo religioso não há mudanças bruscas. É necessário um longo período para que ocorram mudanças significativas, mas há épocas na História, como a atual, em que as mudanças se aceleram.

2) As diferenças entre as religiões vão permanecer e essas diferenças são saudáveis. Tudo indica que não vamos chegar a uma época sem religiões ou com uma só religião e que não teremos no futuro uma religião dominante, e sim várias religiões. A diversidade religiosa é uma característica do campo afro-brasileiro e existe também em outras religiões.

3) Religiões populares são as praticadas pelas camadas populares da sociedade. No Brasil há uma grande diversidade de religiões populares, umas antigas, tradicionais, e outras recentes.

4) A liberdade de crença é uma característica do nosso tempo. No Brasil é garantida desde a primeira Constituição republicana, o que não significa que não exista aqui discriminação e perseguição religiosa. Hoje as minorias sociais organizadas, conscientes de seus direitos e conscientes de seus valores, procuram ampliar o seu espaço social e garantir a continuidade de suas práticas religiosas e culturais. No Seminário procurou-se discutir ações visando aumentar a harmonia e a colaboração e entre as diversas religiões, respeitando-se suas diferenças.

5) No passado pensava-se que a religião era incompatível com a ciência e que o materialismo se ampliaria. Hoje constata-se cada vez mais que a religião desperta grande interesse em todas as camadas sociais, tanto entre intelectuais como entre pessoas do povo, havendo em toda parte enorme procura pelas religiões. É provável que o próximo século seja marcado pelo pluralismo religioso. As aproximações entre grupos diferentes, as buscas de diversas fontes de informação estão exigindo novas sínteses e adaptações das religiões. O sincretismo tende a crescer, não por imposição colonialista ou como estratégia de dominados, mas como o resultado de uma busca de conhecimento, que as vezes se dá via INTERNET, e da colaboração entre grupos diferentes.

6) Foi sugerido ao INTECAB a organização de outro Seminário para aprofundar algumas das questões levantadas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 4

ABERTURA, 5

20/10/98: Liberdade de Culto e Discriminação Religiosa, 5

1ª Apresentação: Jacinta M. Santos, 5

2ª Apresentação: Yolanda Primaz Motta, 8

1º Debatedor: Leopoldo Nunes Neto, 8

2º Debatedor: Joel Britto Barros (sem texto), 9

3º Debatedor: Mohab José Sousa (sem texto), 9

21/10/98: Religiões Populares e os Meios de Comunicação de Massa, 10

1ª Apresentação: Bráulio Aires, 10

2ª Apresentação: Rosa Santos, 12

1º Debatedora: Flávia Regina Melo, 14

2º Debatedor: Nunes do Espírito Santo, 18

3º Debatedora: Venina Barbosa, 20

Comentários da Coordenação: Sergio Ferretti, 21

Plenária, 21

22/10/98: Perspectivas das Religiões Populares no Próximo Milênio, 28

1ª Apresentação: Euclides Ferreira, 28

2ª Apresentação: Osmir Freire, 30

Comentários da Coordenação: Ferretti, 32

1º Debatedor: Lyndon Santos, 33

2º Debatedor: Aniceto Cantanhede, 35

3ª Debatedora: Mundicarmo Ferretti, 38

Plenária, 41

ENCERRAMENTO, 44

APRESENTAÇÃO

O INTECAB-MA pretendia incluir aqui os trabalhos apresentados por todos os expositores e debatedores convidados e a transcrição da fala dos participantes da plenária do Seminário: PERSPECITVAS DAS RELIGIÕES POPULARES NO MARANHÃO NO PRÓXIMO MILENIO, realizado de 20 a 22 de outubro de 1998. Infelizmente houve uma falha técnica nossa e a gravação da fala de dois dos debatedores da primeira noite foi totalmente perdida. Foram também perdidos vários trechos da fala dos participantes das mesas e da Plenária. Por essa e outras falhas, apresentamos o nosso pedido de desculpas e esperamos contar com a compreensão de todos. A transcrição das falas dos pais-de-santo: Euclides, Leopoldo e Yolanda, de Jacinta, Osmir e de Roza foi facilitada pelo encaminhamento de texto impresso, à coordenação do Seminário, antes ou depois do evento, ao que somos muito gratos.

A elaboração desse documento foi viabilizada com o apoio do Grupo de Pesquisa: *Religião e Sociedade e Cultura Popular*, da UFMA, coordenado por Sergio Ferretti, que foi também o Coordenador do Seminário. A transcrição das gravações foi feita por Cristina Maria R. Mousinho, a digitação por Venina Barbosa e a edição por Mundicarmo Ferretti. A eles e ao CEPRAMA, que colocou o seu auditório à disposição do INTECAB para a realização do evento, o nosso muito obrigado. Gostaríamos de esclarecer que, para evitar maior atraso na sua entrega, esse documento foi impresso sem a revisão dos autores e de especialista em língua portuguesa.

Apesar das falhas apresentadas, e dos textos incluídos terem sido escritos a partir de falas realizadas “de improviso” ou entremeadas de improvisos, quando a comunicação é mais espontânea e menos organizada, esse documento pode ser de grande valor para os que desejam continuar a refletir sobre as questões levantadas. Apresentando-o o INTECAB-MA pode começar a planejar outro Seminário, que espera realizar no ano 2000, com a participação de todos. Obrigada.

São Luís, fevereiro de 2000

Mundicarmo Ferretti

(Organizadora)

ABERTURA

Maria Celeste Santos (Casa das Minas-Jeje) - Coordenadora Local do INTECAB

Como Coordenadora do INTECAB-MA quero dar meu boa noite a todos e declarar aberto este Seminário de Estudos, rogando a Deus, que é o pai de todos, e a Jesus, que é o grande inspirador de todos nós, que nos iluminem neste trabalho para que a gente saia daqui mais esclarecidos e mais unidos.

O INTECAB é uma associação de pessoas ligadas a diversas denominações religiosas afro-brasileiras (Mina, Candomblé, Terecô, Umbanda, Cura); ao movimento negro; e à cultura afro-brasileira em geral (artistas, pesquisadores e outros interessados)

O INTECAB surgiu na Bahia no ano de 1987. Tem sede em Salvador e filial em varias capitais do Brasil. O do Maranhão é constituído por um grupo de amigos que se reúne para debater questões relacionadas com o negro e com a religião afro-brasileira e para programar alguns eventos abertos a' comunidade, como este que estamos iniciando

Para este Seminário foram convidadas pessoas que estão à frente de várias organizações e que pertencem a diferentes religiões ou denominações religiosas existentes no Maranhão:

- pais e filhos-de-santo;
- lideres espíritas;
- padres e militantes católicos;
- pastores e militantes evangélicos;

e pessoas que podem nos ajudar a refletir sobre a importância da religião no próximo século e sobre o relacionamento atual das diversas denominações religiosas.

Como o INTECAB-MA está sendo presidido por uma vodunsi da Casa das Minas-Jeje, antes de passarmos a palavra ao Professor Ferretti, que vai coordenar o Seminário, vamos cantar uma das música que costumamos cantar abrindo nossos trabalhos invocando os nossos voduns e depois vamos passar a palavra ao Professor Ferretti, coordenador do Seminário, que vai apresentar os nossos expositores e debatedores de hoje.

CANTICO DE ABERTURA: Casa das Minas

Cântico da Mina-Jeje, de origem dahomeana

TRABALHOS APRESENTADOS PELOS PARTICIPANTES CONVIDADOS E INTERVENÇÃO DA PLENÁRIA

20/10: LIBERDADE DE CULTO E DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA.

1ª Apresentação: Jacinta Maria Santos (Agente Pastoral Negro - católica).

Boa noite, senhores e senhoras. Para nós Agentes Pastoral Negros é um momento muito importante e gratificante estarmos participando desse evento do INTECAB. A gente se sente

bastante pequeno, mas quer colaborar e dizer o que a gente pensa. E a gente vai tentar partilhar um pouco da nossa experiência enquanto “Agente Pastoral Negro”.

LIBERIDADE DE CULTOS E DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA

Desde o Concílio Vaticano II a Igreja Católica não é mais a mesma. Na década de 60, o Papa João XXIII, percebendo as mudanças sócio-econômicas e políticas que ocorriam no mundo inteiro, imbuído pelo Espírito Santo, convocou um Concílio, com objetivo pastoral. Simbolicamente abriu as portas e janelas do Vaticano e pronunciou profeticamente: “É preciso que entre ar novo na Igreja”. Seu desejo era que a Igreja Católica se abrisse ao mundo moderno e ao diálogo com uma atitude pastoral, e sua única preocupação era a união dos povos.

O Vaticano II foi um momento muito forte, era uma nova fase da Igreja Católica e do seu relacionamento com a sociedade. O Concílio consagrou todo o esforço de abertura e de diálogo com o mundo e a cultura contemporânea. A Igreja se renovou também por dentro, ela se encontra como Povo de Deus. Essa renovação favorece a participação dos leigos, o pluralismo e a comunhão; ela reconduz os católicos à Bíblia. O Vaticano foi, sem dúvida, um vento de renovação no catolicismo.

De lá para cá, a Igreja tem procurado se renovar, na liturgia- sinal mais evidente de mudanças- na sua organização, na pluralidade de formas e presenças atuais, que transparecem novos rostos e novas maneiras de ser Igreja.

Na relação com outras religiões é notavelmente percebida. Nós, os católicos, passamos a entender o que é o respeito ao outro, ao diferente. Entender o que é o “amar uns aos outros como eu vos amei”.

Começamos a assumir uma nova atitude ou seja, da atitude de exclusão, passamos ao diálogo ecumênico com as Igrejas Evangélicas, Ortodoxas e com representantes de religiões até pouco tempo atrás consideradas um grave perigo para verdade e a fé.

Outubro de 96, em Assis/Itália, no Dia Mundial de Oração pela Paz, o papa João Paulo II se reuniu com líderes de várias religiões para juntos rezarem pela paz mundial. Meses depois, numa reunião com a cúria romana, ele disse” as sementes do Verbo presentes nos outros constituem o fundamento real do diálogo inter-religioso promovido pelo Concílio, toda autêntica oração é suscitada pelo Espírito Santo, o qual está misteriosamente presente no coração de todo homem”.

Mencionei esses exemplos por serem institucionais: representam a doutrina e a prática oficial da Igreja Católica e testemunham também os passos dessa caminhada rumo ao verdadeiro ecumenismo.

Esses exemplos manifestam, também, que os passos em direção ao diálogo não são só iniciativas de pessoas ou comunidades eclesiais, mas atos que carregam todo o peso da autoridade eclesial e do Magistério.

Nessa caminhada ecumênica, passos significativos estão sendo dados. Algumas Igrejas, se engajaram de forma visível no diálogo inter-religioso e intercultural, fazendo nascer uma nova vivência cristã.

As Comunidades Eclesiais de Base-CEBs, o jeito novo de ser Igreja, espaço onde as pessoas simples repensaram o cativo do povo, a opção pelos pobres, o seguimento de Jesus, a participação na construção do Reino de Deus, o discernimento sobre as forças da morte e o Deus da vida.

Vários sociólogos e teólogos, numa atitude de ajudar no processo de construção de uma nova sociedade aprofundaram o estudo das expressões religiosas populares com a intenção de transmitir uma fé libertadora. Tudo isso expressa uma nova vivência .

Os missionários e antropólogos de 68 a 72 refletiram a ação evangelizadora junto aos povos indígenas e constataram quantos erros pastorais, várias ingenuidade e cumplicidades, e reafirmaram a necessidade de reorientação da missão.

Como fruto dessas reflexões, nasce em 1972 no seio da Igreja Católica, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), com objetivo de servir e ajudar no fortalecimento da luta dos povos indígenas, com o compromisso de engajar-se efetivamente na cobrança das demarcações de suas terras e na construção de uma Igreja indígena.

Na década de 70 o protesto do Movimento Negro em todo o Brasil sensibilizou a Igreja. A CNBB em 1978 convocou um grupo de negros católicos para subsidiar a preparação da 3ª Conferência Episcopal Latino Americana em Puebla. Daí nasceu o Grupo de União e Consciência Negra. Em 1983, nasce os Agentes de Pastoral Negros (APNs), com s objetivos de denunciar o racismo e reivindicar o ser cristão, sem deixar de ser negro.

Os APNs foi um sangue novo na Igreja, que provocou uma discussão, antes nem pensada, pois **"éramos todos iguais, todos irmãos"**.

Os APNs foram responsáveis pela Campanha da Fraternidade de 1988, que tinha como um dos objetivos suscitar uma reflexão no interior da Igreja Católica sobre o povo negro na Igreja e na sociedade.

Essa campanha contribuiu para "evidenciar o racismo sutil, introjetado e disfarçado, ainda existente na Igreja, e assistiu-se um racha oficial: com efeito, pela primeira vez e única vez na história das Campanhas, foi publicado um texto base alternativo ao documento-base da CNBB, elaborado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, com o título "Defenda as cores do nosso país. E lema: Várias raças, um só povo".

"O texto contém afirmações de cunho racista como a de que se o "povo escravizado era de padrão cultural inferior ao do dominador, passava a constituir um grupo marginalizado, oprimido, que aos poucos perdia sua identidade cultural ou, fechados em si mesmos, permaneciam relegados a uma posição inferior na vida social" (p.15).

A Campanha da Fraternidade-88, foi um momento muito importante para nós negros católicos, assim como para toda a comunidade negra que luta por respeito, dignidade e igualdade social. Marcou profundamente a nossa história e não haverá retorno, vamos continuar a nossa luta organizada conquistando o reconhecimento e o direito de ser Igreja com a nossa negritude.

Outras organizações tem se somado aos APNs, como os religiosos negros, formandos, padres e bispos, grupos ecumênicos como o Atabaque.

"No Brasil, são muitos os teólogos que têm refletido especificamente sobre o tema das outras religiões e particularmente, das religiões afro-basileiras. Após o Vaticano II, em 68, frei Boaventura Kloppenburg escreveu um artigo na Revista Eclesiástica Brasileira que marcou as novas atitudes e preocupação dos católicos: Ensaio de uma nova posição pastoral perante a Umbanda.

Graças ao frei Boaventura passava-se assim, a falar, também no Brasil, em sementes do Verbo de Deus espalhadas nas outras religiões, até na Umbanda; na necessidade de respeitar, fomentar, elevar e consumir em Cristo tudo o que na umbanda descobrimos de bom, verdadeiro, belo, justo, santo e amável (p.411)."

"Em 78 o frei Raimundo Cintra, escreve sua tese de doutorado sobre o Candomblé e Umbanda. Pela primeira vez no Brasil, um teólogo católico deixou de lado posições preconceituosas e apoiando-se nos estudos históricos e antropológicos, traçou novas linhas de interpretação e de atuação pastoral.

Cintra na sua tese reconhece como valor muito apreciável, a estrutura comunitária e familiar dos candomblés, a atenção e a solidariedade para com os fiéis e amigos.

Em 1980, Franziska Carolina Rehbein, escreve: Candomblé e Salvação, onde procura analisar a visão da salvação nos terreiros à luz da teologia cristã. Sua abordagem se preocupa em trazer

elementos teológicos das religiões tradicionais africanas e também dos terreiros. Talvez é de se lamentar o fato de que a autora fale mais da cosmovisão do negro africano do que da realidade dos negros brasileiros na hora de falar dos fiéis de terreiro."

Temos ainda a experiência ecumênica e mística do Pe. François de I Espinay - 1994. É necessário respeitar a liberdade e a doação de Deus, que fala a todos de maneira diferente aos europeus e também aos africanos (*).

Queremos finalizar dizendo que a nossa luta não tem sido nada fácil. Muitos tem sido os agentes de pastoral que vem contribuindo com a sistematização dessa nossa caminhada por uma Igreja Católica menos racista, mais plural em todas as suas dimensões pastorais e algumas coisas tem sido produzidas.

(*) Mais próximo de nós APNs nós temos o padre Antônio Aparecido, nós temos o Geraldo Leite, Doutor em Teologia, e temos uma pessoa que queria lembrar de modo muito especial e com muito carinho, o italiano que nos ajudou muito na nossa caminhada, na nossa sistematização: o padre Heitor Crizotti. Essas palavras que eu vim partilhar com vocês eu aproveitei da sistematização que ele vem fazendo conosco.

2ª Apresentação: Yolanda Primaz Motta (Centro Luz e caridade - Umbanda; INTECAB):
 LIBERIDADE DE CULTOS E DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA

Eu espero poder dizer alguma coisa sobre da minha experiência como militante religiosa do Cultos Afro-Brasileiro, sobre o tema **Liberdade de Cultos e Discriminação Religiosa**, programado para abordagem nessa noite, o que vamos fazer de improviso, em substituição ao expositor que foi convidado originalmente, o Sr. Astro de Ogum - Presidente da Federação de Umbanda e Cultos Afro Brasileiros do Estado do Maranhão. Faremos uma retórica sobre os nossos antecessores, que tiveram as marcas dolorosas dos primeiros passos da nossa religião no solo brasileiro, vindos da nossa pátria mãe: da África, cuja história todos nós sabemos, mencionando aqui as duas casas de real importância até os nossos dias: a Casa das Minas (jeje) e a Casa de Nagô, bem como outras que figuram no panorama do nosso Estado.

Estamos próximos do terceiro milênio e os Cultos Afro, outrora considerados produção cultural popular, animadores de folguedos carnavalescos e juninos, em busca de auto-afirmação, hoje dispensam tais espaços, por terem conquistado a liberdade de prática religiosa. Retomando seus espaços de trabalho, seus seguidores, com consciência religiosa começam a se identificar conforme a prática que exercem no panorama da diversidade afro-brasileira. As casas de culto, antes denominadas terreiros, pois hoje seus fundadores têm a liberdade de batizá-las: Tendas, Templos, Centros, ou de outras denominações, hoje elas são comunidades religiosas formadas por parentelas corporais, espirituais, e os templos são sagrados, bem como todo o que é nele utilizado para os cultos. Quando analisamos o aspecto caminhada para o 3º milênio, consideramos o progresso religioso, pela quantidade e qualidade dos membros das casas de culto.

1º Debatedor: Leopoldo Nunes Neto (Tenda Espirita Jardim das Oliveiras - Umbanda):
 LIBERIDADE DE CULTOS E DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA

A Constituição Federativa do Brasil e a declaração universal dos direitos humanos faculta ao cidadão optar pelo seu culto ou pela sua religião.

Todo ser humano é um cidadão e todo cidadão, atingindo sua maioridade, consciente do uso

da razão, consciente das suas virtudes e dos seus defeitos, sabendo distinguir o certo do errado e o bem do mal, passa a possuir também a liberdade. Liberdade de agir de se expressar, e também a liberdade de escolher a sua religião ou o seu culto. O Ser humano sofre mutações, precisa se evoluir; a evolução pode ser material e espiritual. Na sua evolução o homem e a mulher precisam saber da existência de um ser sobrenatural que é Deus nosso criador e arquiteto de todo universo. Deus tudo faz e faz para o bem de suas criaturas. Deus também nos perdoa e todos nós temos necessidades do perdão; também devemos perdoar fielmente àqueles que nos criticam, que nos discriminam ou que nos excluem; na sua maioria são pessoas despreparadas, inimigas ou que não querem ver o nosso sucesso. Na época em que vivemos, já a um passo do 3º milênio, não deveria existir mais discriminação. O principal problema com relação a discriminação dos cultos afro-brasileiros, explica-se basicamente porque os seus dirigentes e adeptos são geralmente pobres e negros; o preconceito é mais econômico e social do que religioso. O preconceito é um ter que deve ser retirado com muita brevidade do convívio entre as diversas camadas sociais e/ou cultos religiosos. Existem vários caminhos que nos levam até Deus, nosso Salvador. Utilizando-se do livre-arbítrio, o homem faz tudo o que quer, pois a divina providência lhe confere construir ativa e meritariamente, o seu próprio destino, devendo arcar no entanto, com todas as conseqüências, sejam felizes ou infelizes. O poder de Deus e os seus ensinamentos, agindo sobre nós faz-nos refrear nossas paixões. A fé em Deus, independente da religião ou culto a que pertencemos, pois ele é invocado e está presente em todas elas. O espiritismo é uma luz gloriosa; é uma luz divina e forte que clareia toda a vida e ilumina além da morte. Quem busca o espiritismo norteia-se em sua luz, que é o Cristo Jesus. A nova Umbanda que surge em nossos tempos, registra em seu calendário, o que de mais expressivo existe, para que as tradições sejam conservadas num sentido mais compatível com uma corrente espiritualista de tamanha importância para os seus adeptos e simpatizantes. A Umbanda atual foge um pouco dos rituais Gêge-Nagô, deixando de lado os sacrifícios e outros atos menos compatíveis com o cristianismo. Religião é o sentido divino que prende o Homem ao Criador. O Espiritismo não se constitui de uma religião a mais, pois estabelece um laço moral entre os homens e mulheres, conduzindo-os a Deus, nosso Criador. A Umbanda brasileira se alastra por todo o país e até pelos países vizinhos. Qual será o futuro dessa Religião, que já começa a preocupar autoridades eclesiásticas, dirigentes religiosos, pastores, sociólogos, psicólogos e até adeptos do ocultismo. Tornar-se-á a religião oficial do Brasil? - Estagnar-se-á? Ou se alastrará por todo globo terrestre? Mesmo combatida e discriminada, ela cresce assustadoramente. Não temos dúvida quanto à existência de algumas falhas, desentendimentos, obscuridades, segredos invioláveis, imperfeições superficiais, porém, passíveis de correções e aprimoramentos, com o decorrer do tempo. A Umbanda brasileira como é praticada, é a única do mundo. Não existe similar, nem mesmo na África, uma de suas raízes, pois lá não existem Tupis, nem Baianos. Uma coisa é certa: ela permanecerá indelével no seio do povo, porque a sua tônica principal é a caridade pura e desinteressada. Está de acordo com os ensinamentos milenares de Jesus Cristo, cujos princípios e fundamentos, eternos e imutáveis, constituem a base do espiritismo do qual nossa Umbanda faz parte.

2º Debatedor: Joel Britto Barros (1ª Igreja Batista) - (não foi possível recuperar a gravação)

3º Debatedor: Mohab José Sousa (Lar Pouso da Esperança - Espírita) - (não foi possível recuperar a gravação)

21/10: RELIGIÕES POPULARES E OS MEIOS DE MASSA

1ª Apresentação: Bráulio Aires (Padre católico)

Boa noite a todos. Realmente, quando o professor Ferretti nos convidou, para vir conversar com vocês sobre o tema, a minha preocupação era realmente ver como é que nós poderíamos abordar a participação dos cultos ou da religiosidade popular (das religiões populares) no meio de comunicação de massa. Achei que, antes de dar o meu parecer, naturalmente eu gostaria de dar a minha contribuição naquilo que eu acredito, que fundamenta a comunicação, de modo particular, nos cultos de origem ancestral africanos.

Nós sabemos que o culto que não é particular, todo culto africano, está baseado no princípio vital, isto é, no princípio da vida, que é regido e orientado pela ancestralidade e um função dos ancestrais, dessa ancestralidade, é comunicar. Comunicar a vida, comunicar a energia e continuidade da comunidade, e, naturalmente, da espiritualidade, que é realmente a vida deste povo.

Com licença dos irmãos do culto, com permissão do culto vodun, que é a meu ver um dos cultos mais populares que tem no Maranhão, o culto de origem africana, como é chamado, eu acredito que dá uma base, um sustentáculo para nossa cultura popular. Interessante, é bom observar que essa tradição do culto vodun é marcada pelos símbolos Os símbolos falam, se comunicam, se expressam, dizem aquilo que a realidade da religião quer transmitir, quer ser.

Se a gente tivesse a oportunidade, podia ver como o culto, em si, é uma linguagem falada, que se expressa através desses símbolos e, de um modo particular nos rituais de iniciação passagem, além de no funeral, que todos nós conhecemos, que temos mais acesso.

Outro símbolo forte dessa tradição está por exemplo nos conventos. As casas, os templos dessas tradições, que são realmente símbolos muito bem expressivos, o convento, ou assim também chamada, a “casa” daqueles que são iniciados é um símbolo forte na vida do povo. Os mastros que identificam cada um, digamos, na família ancestral, eles são diversos. É normal nas nossas festas populares do Maranhão e ainda na África Central se encontrar, se avistar de longe aqueles mastros, que dizem: “ali é o convento de tal Vodun, de tal ancestral”. Eles são marcados com bandeiras, bandeiras com cores diferentes, que todo mundo daquele universo tem acesso, que se comunicam com eles.

Outro ponto importante é a teologia, essa relação com Deus, essa relação com os mortos, vivos e com a natureza. É interessante que isso passa por uma comunicação perfeita. Uma comunicação que não é só uma dependência como nós entendemos, alguém depende de alguém, mas alguém que precisa de alguém para viver, para continuar a vida. As oferendas, os sacrifícios, tudo isso, dá sustentação ao discurso, a uma prática teológica que é, na maioria das vezes apresentada por símbolos. É interessante que as nossas religiões populares, nossa religiosidade popular, está fundamentada, isto é deve muito a essas experiências ancestrais. Todas. Eu correria o risco de dizer que devem muito mais do que devem o catolicismo oficial, tradicional.

Como nós vamos ver, por exemplo, na expressão do povo da piedade popular, se apresenta muito mais forte. É só ter um pouquinho de olho, de nariz levantado, que se vê, que se cheira a presença maciça da tradição africana nisso aí. Então, não sei se ela é mais ou é menos, mas ela é mais presente, ela é mais forte, ela fala muito mais, daí a necessidade da gente compreender, considerar a importância desses cultos tradicionais da tradição ancestral na vida das comunidades, que exercem, que vivem essa tradição ou, melhor, essa religiosidade popular.

Agora, entrando no nosso assunto, com as nossas comunidades de origem negras, as comunidades do culto popular podem ter acesso a mídia?. Qual o espaço que a mídia deixa para esses nossos irmãos?. Quem é que detém o poder, quem é que tem as emissoras de rádio

e televisão? Quem tem os jornais, as revistas? A igreja católica, os irmãos protestantes e os burgueses.

Todos não interessados em divulgar a religiosidade popular, a não ser que tenham o interesse de dar um brilhantismo especial onde se for apresentar o axé, fazendo com que a negrada realmente abrilhante aquele ambiente, com que a festa se torne mais elegante, mais bonita.

Mas, realmente, o espaço, de modo particular da televisão, do rádio, da imprensa escrita, é caro demais, o negro não pode ter acesso, as casas de culto não têm acesso. Vocês sabem que, por exemplo, falando de casa, de nossa casa, a Igreja Católica para manter uma rádio, para manter um jornal, para manter uma televisão, como é o nosso caso agora, olha que vai um mundo de dinheiro, se investe pesado, se investe pesado. Mas eu não conheço nenhuma cláusula onde se está reservando espaço para a religiosidade popular. Nesse sentido, se tem, eu desconheço. Imaginem que nós ainda dizemos que estamos à serviço dessa prática, dessa experiência do povo. Imaginem aqueles que realmente acham que essa prática popular, é um desamor, é um atraso, que não têm doutrinas, que não são sei lá o que... Como é que eles podem abrir espaço? Vocês já imaginaram, por exemplo, no horário nobre?. Eu li que uma propaganda no horário nobre, assim no momento do Jornal Nacional ou coisa semelhante, custa por mês o preço de um apartamento, num local chique do Rio de Janeiro. E ninguém entra na televisão, no rádio, nos jornais, se não tiver dinheiro. Então, como é que nós podemos ajudar as religiões populares a ter acesso a esse meio de comunicação? Como é que nós podemos ajudar a se ver essa realidade dos cultos, das religiões populares, e até mesmo daquelas das comunidades eclesiais de base, dos cultos evangélicos de periferia, que têm já uma outra prática, que se preocupa com a organização do povo, com a vontade de transformar a sociedade. Quando é que nós vamos abrir espaço para essa gente?

E claro que nós encontramos algum, mas, em comparação, digamos assim, com o espaço que é reservado à religiosidade católica, eu falo, no nosso caso, na “Educadora”, no Apostolado da Oração, como uma instituição oficial, que lá tem espaço. Eles rezam o terço durante meia hora no rádio e não tem problema. Mas, realmente, será que tem espaço para quem quer apresentar uma outra mística, uma outra razão de pensar? A nossa rádio dará, realmente, um horário? Duvido... Os valores devem ser pesados, não é?! Se nós, por exemplo, os nossos grupos de folclore, de religião popular, também de classe média, no caso os carismáticos, que são bem organizados, que pensam no sentido de se organizar para comprar os horários, se deixa a hora que quiser, mas o nosso povo simples, como é que vai ter condição de entrar na mídia, para discutir, para debater e, realmente, reivindicar seu espaço? É uma questão que eu só levanto, não é?... Bom, acho que nós só temos uma questão a ser levantada.

No Maranhão, só se for com todo seguimento da sociedade valorizando, se empenhando para que, realmente, esse pensamento popular, esse sonho utópico que as religiosidades populares guarda, essa utopia seja mantida, ou, do contrário, nós vamos perdendo esses sonhos. Para nós, que caminhamos um pouco mais de perto, ver com quanto empenho o povo faz tudo, por exemplo, pelo São José de Ribamar. Aquilo que se vê, aquilo que vem a público, é um nada diante de um ano de trabalho incansável, o ano todinho, medido, pesado, flores por flores, tudo tem que ser medido e pesado. Todo mundo sabe o fazer, é um trabalho assim miúdo, que não se vê, e que na hora “H”, a imprensa chega e nós nada temos, simplesmente divulgamos, “gestifalamos” dizendo tudo, mas não falamos dessa participação do povo, não somos capazes de estar atentos a esse movimento de organização, a essa capacidade de organizar, essa capacidade de celebrar com o povo todo, essa capacidade de juntar gente, que o povo tem.

A mídia só acontece na festa, que acontece porque esse povinho, esse povão se mobiliza. Por exemplo, quando se sai para panfletar e divulgar os festejos de São José para a gente do povo e você pergunta para um deles “por que você veio panfletar”, ele diz: “eu tenho que fazer alguma coisa para agradar o meu santo”, quer dizer é concreto, é claro que ele não está ali por acaso. Aquela pessoa é o tipo de caboclo pobre agradecido, que sabe voltar para agradecer àquele que lhe ajudou no momento de necessidade, a São José. Então, eu acho que nós deveríamos começar a pensar, a refletir seriamente, como é que nós podemos devolver a mídia para o povo...

2ª Apresentação: Rosa Santos (Rádio Universidade; INTECAB)

RELIGIÕES POPULARES E OS MEIOS DE MASSA

Nós vamos desenvolver esse tema levantando algumas questões e procurando dar algumas respostas a questionamentos levantados.

1) O que é religião popular? Seria aquela não oficial, praticada por grupos, ou toda aquela praticada pelas classes populares, ou ainda aquela em que os preceitos são transmitidos oralmente?.

Bom, se definirmos como religiões populares aquelas em que os ensinamentos são transmitidos de forma oral, a resposta nos conduz às religiões ameríndias e africana. Se definirmos como aquelas praticadas pelas classes populares, pelos pobres, a resposta incide na religião afro e indígena. Por que eu digo isso?. As outras religiões, seitas ou grupos de estudos têm a seu favor a escrita, geralmente, uma boa literatura permeia a construção da doutrina. A religião afro e ameríndia caracterizada pela transmissão oral, do ensinar fazendo e do segredo, foi perdendo fundamentos e preceitos que as fortalecem, não só pelo sincretismo, pela adaptação de seus orixás aos santos católicos, como também pela mesclagem de signos e significados religiosos de diferentes nações que aqui chegaram. Ao meu ver, ela chega no ano 2000 bombardeada pelas religiões oficiais e escritas como uma religião de feitiçaria e espíritos malignos.

2) Mas, como os meios de comunicação tratam essas religiões?

O tratamento é dado de acordo com a classe que pratica a religião ou seita, se é praticada por classe “A” ou “B”, a colocação é feita de forma menos folclórica (como no caso da morte da Mãe-de-santo do Gantois).

Outro ponto importante é o nível de tolerância que vem sendo mostrado na TV, nos jornais, revistas que existem entre as religiões. Algumas são tolerantes, respeitando o direito de cada um professor a sua fé, outras são mais radicais em suas “verdades cristãs”. As que têm acesso à mídia: rádio, jornal, televisão, divulgam facilmente os benefícios e milagres recebidos pelos seus fiéis, com regozijo, dando depoimentos de bem estar e qualidade de vida, o que é mostrado em nível nacional e em cores. É aí que surge mais uma questão.

3) Mas será que as religiões populares que estão fora da mídia também não promovem o bem estar das pessoas?

As esotéricas estão todas na mídia. Elas não doutrinam, prestam serviços espirituais via telefone e até via INTERNET, quer dizer, estão dentro do sistema globalizado, tanto em termos econômicos, como naquela de “aldeia global, sem muros e fronteiras (Walter Mercado, Mandala e muitos outros), fazendo, geralmente, o que a religião afro e ameríndia fazem: cuidando do corpo (com remédios “de mato”) e do espírito (retirando perturbados). Mas, em geral, quando o assunto é Umbanda ou Candomblé, a mensagem geralmente é passada como se fosse folclore, relacionam-se as práticas das religiões afro como de bruxaria, de morte e como demoníacas. E toda ação de atrocidade, crime hediondo não elucidado pela Polícia é logo relacionado com rituais de magia negra e, conseqüentemente, à religião afro. Às vezes chego a pensar que por se tratar de uma religião de negros tenha que ser de magia negra. E assim, os conceitos negativos a respeito da religião vão se sedimentando, se fortalecendo.

Eu cataloguei alguns artigos de jornais e revistas (porque televisão e rádio você vê, ouve e pode passar, mas o que é escrito se perpetua) e constatei que muitos conceitos e preconceitos são formados a partir de informações como aquelas.

1) A mais recente - saiu na revista “**Veja**” de 14 de outubro, que traz a seguinte nota na seção “Radar”:

“Operários de Cristo (título). Boa parte dos 3.720 peões que trabalham nas obras civis de ampliação do pólo petroquímico gaúcho é evangélica. Dois cultos são realizados por dia no próprio canteiro. A Odebrecht não discrimina ninguém, mas gosta de trabalhar com os ‘crente’... Eles não se envolvem com alcoolismo e prostituição”. A pesquisadora Regina Novaes, do Instituto Superior de Estudos de Religião, tem feito pesquisas com empresários e donas de casa que só empregam evangélicos. “Eles não dão problema algum”, afirmam.

2) Sobre a Igreja Universal

Ela possui um jornal quinzenal que tem tiragem de quase um milhão e trezentos mil exemplares: **Folha Universal**, onde eu li:

Vidas transformadas: Fátima de Castro Ferreira tinha perdido tudo: “Particpei da corrente de empresários e fui tocada por Deus (...). Deus nos restituiu tudo quanto o Diabo havia tirado”. Assim que começou a participar das correntes da IURD Angela sentiu o poder de Deus em sua vida. *Folha Universal*: 7 a 13/junho/1998).

Demônio principal ator:

“Quando um demônio, um espírito maligno se apodera de alguém, tenta de todo jeito acabar com a vida dessa pessoa, os espíritos malignos fazem isso aos poucos”. *Folha Universal*, 30/Agosto/1998

“Ele (o demônio) se apresenta de todas as formas possíveis e imagináveis, até mesmo como disco voador ou anjo de luz, a fim de enganar incautos”. *Folha Universal*, 01/Agosto/1998

3) Sobre Umbanda e Candomblé

O que se tem escrito, mais por pesquisador, por pessoas tentando entender os rituais, que muito pouco sabem sobre os preceitos e dogmas, são apenas fragmentos de rituais e de fundamentos religiosos, a partir da visão do pesquisador e não do pai ou mãe-de-santo - dos sacerdotes que lidam e conhecem os preceitos da religião afro.

A revista “**Veja**”, de 10 de junho, de 1998 publicou, com o título “Deu ebó no MERCOSUL”: “A Umbanda e o Candomblé enfrentam a tradição católica argentina e constroem terreiros na terra do tango. Existem cerca de mil terreiros ou templos, como são chamados, em Buenos Aires, com a migração de pais-de-santo gaúchos intensificada a partir dos anos 90, a maioria dos terreiros pratica abertamente a Umbanda, religião que no Brasil já é de natureza sincrética, misturando santos católicos a orixás africanos”.

Missa sem tambor - revista *Veja*, Ano 31, nº 26

“O Arcebispo de Salvador combate o sincretismo. Diz que as religiões afro-brasileiras tem que seguir sua fé sem misturas”. A lavagem da igreja do Bonfim passou a ser feita nas escadarias... O adro da igreja foi fechado às baianas” (...). Em 1993 ele proibiu a Missa (na igreja) do bloco Ilê Aiyê porque os cânticos seriam acompanhados por instrumentos africanos”. Dom Lucas é Presidente do Conselho Nacional do Bispos do Brasil.

4) Sobre a Carismática - revista “**Veja**”, 08/Abril/1998

Católicos em transe:

“Ricos e pobres, elegantes e desvalidos lotam a Missa da Renovação Carismática e mudam a cara da Igreja... Um jovem religioso esconjura demônios, invoca poderes do Espírito Santo e pede a Deus a quebra de todo encantamento, amarração e maldição... Parece culto da Igreja Universal Do Reino de Deus”. (...) Na Tradicional igreja Nossa senhora do Brasil, trezentas pessoas rezam alto, choram, batem palma e cantam a plenos pulmões.

“Os pedidos em voz deixariam escandalizados os representantes da Teologia da Libertação pelo materialismo que evocam”...

5) Sobre o espiritismo - o informativo Boa Nova, Edição de Maio/Junho/1998, traz o artigo: “A Igreja Universal ataca espiritismo”

“Os depoimentos têm como objetivo levar o telespectador a acreditar que o ‘demônio’ faz uso de uma escala progressiva de sofrimentos para Ter domínio sobre os mortais”. Diz mais: “Milhares de telespectadores e seguidores da Universal, após assistirem aos espetáculos promovidos pelos programas de Record, chegam mesmo a tachar os espíritas de seguidores do demônio”.

CONCLUSÃO:

As religiões que têm acesso à mídia, em que os fiéis têm certo poder aquisitivo, utilizam os meios de comunicação de massa ou seus jornais informativos para esclarecer a comunidade dissipando conceitos que põem em risco a seriedade da religião. Isso não acontece com a religião afro, pois, por ser uma religião trazidas por pessoas, geralmente, sem acesso aos bens sociais, principalmente a educação escrita, ficam sem os instrumentos adequados para fazer frente aos ataques das religiões economicamente organizadas.

1º Debatedora: Flávia Regina Melo (Revista Parla)

Boa noite. Eu sou Flávia Regina e atualmente estou exercendo a função de diretora de redação da Revista Parla, que tem me acrescentado muito, não só no ponto de vista profissional, mas também do ponto de vista humano. Essa experiência com essa revista, que se propõe a trazer a notícia na contra mão do óbvio. É essa a nossa proposta editorial: trazer a notícia na contra mão do óbvio, ou seja, a gente acabar com determinados clichês que existem, que são preguiças jornalísticas, que existem por aí na grande imprensa, na forma geral de tratar assuntos, de tratar personalidades, fatos, do ponto de vista do clichê, aquilo que ela é, com preguiça de aprofundar.

Nós trouxemos algumas considerações, para junto refletirmos na noite de hoje. Uma delas, nós fomos buscar lá no Pedrinho do Abranches, que é professor de alguns de mestrados da PUC do Rio Grande do Sul, escritor, pesquisador, e também PHD em Sociologia e Comunicação, por uma Universidade norte americana. O Pedrinho, ele afirma numa obra chamada “Comunicação e Controle Social”, que não seria exagero dizer que a comunicação constrói a realidade. Então, a comunicação, que está permeando nossa vida dia à dia, ela constrói toda a realidade. E ele vai além, ele defende a idéia de que a única realidade passa ser a representação dessa realidade. Então, se a comunicação seria a própria representação da realidade, ela constrói essa realidade que é uma representação. Que realidade, então, seria essa? Essa é uma pergunta que faço para todos nós. Que realidade é essa? Que representação da realidade seria essa, construída pelos meios de comunicação de massa?

Bom, primeiro nós precisamos contextualizar essa discussão nas sociedades modernas, nas nossas sociedades. Na verdade, as sociedades modernas elas se transformaram em sociedade de informação, nós vivemos em sociedade de informação, esse é o Século da informação. Então, o que nós percebemos é que esse desenvolvimento acelerado do mundo moderno, desenvolvimento, eu digo do ponto de vista científico e tecnológico, não falo aqui em desenvolvimento social, esse movimento acelerado, ele trouxe a informação de forma quase onipresente em nossas vidas. Essa onipresença de informação, ela vem nos acompanhado de uma tal forma que surge uma multiplicidade de formas, de expressão. Então, o que nós podemos, com muito cuidado, analisar nessa questão? O quê que nós podemos perceber disso é que a multiplicidade da forma de expressão, ela é devidamente revestida pelos discursos que revestem a linguagem de determinados grupos sociais. Cada grupo tem a sua linguagem e essa linguagem está lá dentro dos meios de comunicação de massa. Está lá, revestindo aquela forma de expressão. E aí a gente foi buscar lá em Abranches uma noção, a de que na linguagem está contida determinada noção de mundo. Então, a noção de mundo que nós temos, a linguagem contém essa noção de mundo. A linguagem pela qual eu me expresso para

vocês, é a minha noção de mundo. A linguagem que cada um se expressa, ela contém a noção de mundo de cada um. Então, quando analisamos um discurso dos meios de comunicação, vamos analisar a noção de mundo de quem está por trás desse discurso. E mais, o Abranches, ele diz que a linguagem é um conjunto de noções e conceitos determinados, e não simplesmente palavras gramaticalmente vazias de conteúdo. As palavras de nossos discurso jornalístico, por exemplo, elas não são gramaticalmente vazias de conteúdo, elas contêm noções, elas contêm valores, contêm a nossa visão de mundo.

Para chegarmos, finalmente, nessa discussão da noite de hoje sobre religião popular e meios de massa, eu fui buscar lá no Eugênio Busch, que é um crítico de TV, da Veja. Eu acho que vocês, têm acompanhado a Veja, ele é crítico de TV, ele é também autor de vários livros, entre eles um livro chamado: “O peixe morre pela boca”, porque muitos de nós jornalistas morremos pela boca mesmo. Então, há nele um cuidado com a questão ética, muito grande. Então, o Eugênio, ele diz que toda objetividade é suspeita e toda imparcialidade é cínica. Então, nós falamos em discursos e falamos em linguagem, para podermos chegar nesta questão, do que seriam os meios de comunicação de massa, que eu acho que é o objetivo fundamental desse encontro, que seria essa forma como a religião, como as práticas religiosas têm sido apresentadas pelos meios de comunicação em massa, que também são aparelhos ideológicos, e esses aparelhos ideológicos do estado, na concepção de Marx (?), não são só os meios de comunicação, como também a escola. Eu, a um tempo atrás, fiz uma pesquisa, em busca de especialização, sobre “O processo de difusão ideológica, no sistema de ensino à distância”, desenvolvido pela TV-E do Maranhão, e, pesquisando o que tem sido passado, os valores, as noções de comportamento, o que tem sido passado por essa experiência de TV-E, que é interessante, que é TV e é também escola, ou seja, são dois aparelhos ideológicos de Estado juntos. Nós fomos buscar em várias aulas coisas alarmantes, por exemplo essa... Numa aula de Educação Moral e Cívica, em 1972, naquele período conturbado da ditadura militar, nós encontramos aulas, por exemplo, que tem como tema “Formação Cultural do povo Brasileiro”, um trecho que dizia o seguinte: “Da cana de açúcar nasceu a necessidade de braços fortes para a lavoura. Foi aí que vieram os negros para o Brasil”. Olha a concepção que se tem de negro, que é repassada para o aluno a informação: “Da cana de açúcar, nasceu a necessidade de braços fortes. Aí, que vieram os negros para o Brasil”. Isso está lá numa aula. Isso foi repassado numa aula de educação Moral e Cívica, da TV Educativa daqui do Maranhão, em 1972. Esse tipo de conceito de negro, que é repassado...

Outra, vamos escutar mais uma aqui, para enriquecer a discussão. Estava num cartão, com uns chineses sentados. Na época o vídeo tape ainda estava no início do seu aprimoramento: “Esse povo vive um regime Socialista, em que o homem é preparado unicamente para servir o Estado”. Quer dizer, a concepção de que era unicamente para servir o Estado, era essa a reprodução do conceito de comunismo que era passado na época, evidentemente, no período Militar brasileiro.

Um outro detalhe que nós encontramos aqui, interessante, uma outra frase:

“No Brasil, principalmente nesses últimos tempos, dedica uma atenção toda especial à educação de seus filhos, não esquece nunca o civismo, seja a educação física”. Naquela época, do “Para frente Brasil”, “Ame-o ou deixe-o”, isso tudo era passado naquelas aulas. Olha outra: “Forças armadas que é um grupo de homens preparados, orientados para servir e defender a Pátria”. Outra: “A Revolução de 1964 surgiu para equilibrar, organizar a administração do país, que estava em perigo”. Na verdade, é passado como revolução de 1964 e não como golpe de 1964. E passado da seguinte forma, “para defender o país, que estava em perigo”. Esses são alguns dos conceitos, nós pegamos muitos outros que estavam lá, naquelas aulas, que nós pesquisamos. Mas, voltando à questão do nosso colega jornalista, Eugênio Busche, que é crítico de TV, da Veja, quando ele diz que toda objetividade é suspeita e toda imparcialidade é cínica, aí eu vou colocar a questão para vocês, para não simplificarmos a discussão, mostrando que os meios de massa, eles passam uma visão distorcida da realidade, que também é o conceito de ideologia um pouco limitado, aquela ideologia na época de Marx, que viu como uma câmara fotográfica escura, via uma realidade

invertida. Na verdade, a realidade, ela é muito mais dinâmica de que, aparentemente, nós imaginamos.

Então, eu trouxe para vocês o motivo pelo qual eu estou aqui hoje, na noite de hoje, que é essa matéria com o pai de santo Bitá do Barão, da nossa revista, Parla, que provocou algumas reações e, que bom que essas reações foram provocadas e nós estamos aqui, exatamente, para conversarmos e debatermos sobre o assunto. Eu confesso a vocês que a matéria com Bitá do Barão, sobre a figura que ele é, pelo que ele representa, quando nós colocamos aqui o conceito do nosso amigo, que toda objetividade é suspeita e toda a imparcialidade é cínica, eu coloco isso para vocês, pela minha própria experiência pessoal de que a objetividade é cínica e a imparcialidade é suspeita. A gente não pode ser imparcial, do ponto de vista da experiência, da visão de um mundo que nós temos. Por exemplo, tem um trecho na matéria que nós colocamos assim: “No salão onde são realizados os trabalhos, já não há como distinguir a taquicardia esquisita da curiosidade meramente jornalística”. Então, nesse aspecto aqui, que eu não consigo mais, quando entro no salão onde os trabalhos são realizados, distinguir a minha taquicardia esquisita, da curiosidade meramente jornalística, eu não estou sendo objetiva de jeito nenhum, eu não estou sendo imparcial de jeito nenhum. E isso é muito difícil, até mesmo porque o texto da revista, ele contém certas especificidades que permite que você coloque coisas como estas. Na verdade, há teóricos que dizem que o texto em revista, ele é uma espécie de conciliação entre a literatura e o jornalismo. Por isso eu me permito dizer que eu não distingo a taquicardia esquisita, da curiosidade meramente jornalística. Então, a matéria, não preciso ser especialista em técnica de reportagem e entrevista, qualquer leigo pode perceber na matéria que o texto ele é puramente descritivo do ambiente onde foi feita a reportagem. Houve uma dificuldade muito grande na apuração de fatos. Isso já havia sido alertado à mim, por alguns pesquisadores, que é algo muito difícil. E houve essa dificuldade, realmente, na apuração dos fatos. Outra confissão que eu queria fazer para vocês também, é que, além de jornalista, eu também sou espírita, sou kardecista, e, como tal, ao entrar no salão eu senti a manifestação forte do ritual, da coisa, e, em nenhum momento, nós tratamos com desrespeito com a questão. Até eu gostaria que alguém se manifestasse sobre esse ponto, que manifestasse a sua opinião a respeito da matéria. E, como tal, também pela nossa própria concepção religiosa, que passa o profissional também, como eu falei antes, a visão do mundo, a noção de valor, os conceitos, estão aqui embutidos nessa matéria. Então, como tal, nós temos o nosso código de ética jornalista e temos o nosso código de ética pessoal e religioso também. E, tava a jornalista lá, mas também a espírita kardecista, que em nenhum momento o tratou com determinado preconceito ou não. E nós observamos muitas coisas no ambiente e tratamos com alguns truques de estilo, do próprio estilo de quem escreve o texto, e talvez algumas coisas tenham passado para a comunidade, para alguns, de forma um pouco agressiva, de uma forma um pouco preconceituosa.

Mas, voltando à nossa discussão, e o padre Bráulio deixou a questão: de que forma nós, que pertencemos a grupos religiosos, podemos penetrar à imprensa, podemos ocupar espaço na mídia, de que maneira?... Eu acredito que, como falei antes, é preciso ter a visão dialética da realidade e dos meios de comunicação. Essa contradição nós podemos observar, que embora se tenha visão limitada, de que eles são realmente aparelhos ideológicos de estado, que têm interesse em passar mensagem da classe dominante, mas há uma contradição, há um dinamismo dialético, como, por exemplo, ocorreu no país, com as “Diretas já”, que já é um estudo clássico em comunicação, os teóricos hoje já trazem isso em livros. Naquele período efervescente em que o país passava, o movimento das “Diretas já” eclodia em todo país, a própria Rede Globo, na época, em princípio, não se recusou a veicular as imagens da Praça da Sé, das pessoas pedindo “Diretas já”, e foi obrigada a veicular àquele movimento popular fortíssimo com o seguinte texto: Na Praça da Sé, um show musical, com manifestação pedindo “Diretas Já”. Um show musical... Quer dizer, às escondidas. Porque se a polícia chegasse e encontrasse uma Bíblia numa mesa de trabalho mediúnico, a polícia mandava fechar o centro, e, certa vez, a polícia chegou a fechar uma creche kardecista, onde crianças estavam lá estudando, sendo alfabetizadas. Um velho companheiro espírita disse assim, para a polícia, na

época da ditadura militar, “Vocês fecham uma escola hoje e amanhã constroem um presídio”...

E, para finalizar, me coloco à disposição da platéia para essa questão. Eu gostaria de deixar uma mensagem do nosso Chico Xavier, que eu tenho muita simpatia por ele, nós espíritas temos, e também louvar essa iniciativa do encontro, um encontro ecumênico para estudar esses aspectos. Pela primeira vez, nós estamos num encontro ecumênico, não em cultos, em práticas, mas para debater e discutir essa questão. Eu acho que a iniciativa é louvável e, até por isso, nós queríamos terminar com a frase do Chico, já que a proposta aqui é de união e não de ninguém discutir; debater; e criticar a religião alheia. Uma frase do Chico, onde ele dizia o seguinte: “O tempo em que se gasta criticando a religião alheia, se fosse empregado na construção do bem, da paz social e do amor, seria muito mais útil do que o tempo que se gasta criticando”. Seria muito melhor empregado. Então, eu agradeço ao convite do Ferretti e da Mundicarmo e me coloco à disposição de vocês para qualquer esclarecimento. Muito Obrigada.

2º Debatedor: Nunes do Espirito Santo (Movimento Negro)

Boa noite, Meu nome é Nunes, para quem não sabe, eu sou uma das pessoas que também iniciou a pastoral do nego junto com o Bráulio e outros companheiros daquela época, e a minha experiência na religião africana vem desde pequeno, com a minha convivência com os terreiros, que vem de muito, muito mesmo, desde que eu me entendi, já foi dentro de terreiro. E também, para quem não sabe, em relação à carismática, eu fui também das pessoas que iniciou carismática aqui de São Luís, quando a carismática se reunia na Itália, para poder se implantar aqui no Maranhão. Era Sônia; Francisco, naquela época e eu participei com esse pessoal e tenho essa base, que é a Igreja Católica em cima da religião africana.

Bem, na minha comunicação com a religião africana, ainda vejo que a única religião que é massacrada na televisão é a afro. Você vê que a igreja católica, a evangélica e outras igrejas, Pentecostal ou a Igreja Messiânica, quando falam na questão de espírito maligno, é a mesma coisa, é a macumba, é Pomba Gira, é Exu, é aquilo e aquilo outro... E você não vê nem em novelas, nem em programa de televisão o assunto Religião Africana. Quando vê é como enfeite, orixá é enfeite, não é? Orixá, é coisa linda para se mostrar, mas para se falar, realmente, ninguém fala de verdade. A Manchete, um tempo desse, fez uma espécie de filme sobre os orixás. Poucas pessoas viram, porque achavam que não tinha interesse, que era coisa de orixá e não tinha nada de conhecimento. A minoria que viu, era de pessoas do culto. Então, a gente que viu nesse movimento negro que, dentro das comunicações de massa, a gente tem uma dificuldade porque, ainda que desejada, a nossa religião africana, a “outra religião” nunca tem um espaço no meio de comunicação. Outro dia eu estava olhando televisão, a Rede Vida, o programa daquele padre que faz a missa da libertação, quando tocaram telefone (?) para ele, perguntando se ali havia algum problema espiritual, e ele falou logo: “Nós já tivemos pessoas enfeitadas, vinda da macumba e aí nós retiramos o espírito”... Agora eu pergunto, que autoridade tem uma pessoa que não conhece a religião, para expulsar espírito? Que autoridade tem uma pessoa que não tem um fundamento, para retirar um espírito? Mas retirou. É charlatanismo?... Eu não sei... E assim, por aí, a gente vê muitos na comunicação de massa, que a televisão passa. A parte negativa é só da religião africana e nós ainda não temos um programa especializado, do pessoal de casa de culto. Não temos. Eu fico a desejar que aqui em São Luís nasça um programa dedicado só ao pessoal do culto, até porque, quando sai uma questão de denuncia, ninguém se manifesta. A Igreja (?) se manifesta, mas o pessoal do culto não manifesta.

Temos também um exemplo, citado na Bahia. A Igreja Universal uma vez, na Bahia, disse que num terreiro, onde lemanja era um orixá da casa, se fazia sacrifícios de crianças e isso, na

Bahia, foi notícia em todo lugar. O que aconteceu? O pessoal na Bahia se reuniu, o pessoal de culto, foi para a televisão e provou que ali não existia sacrifícios humanos e a Universal ficou um bom tempo lá sem poder atuar na televisão, por causa dessa denuncia sem fundamento. Já conosco isso não acontece. Você vê denúncias aqui, acolá e ninguém diz nada, ninguém manifesta nada, falta a gente ocupar mais espaço dentro da comunicação. Por preconceito ou não, eu acho que muita da gente, do movimento negro, pessoal ligado a terreiro, não tem essa coragem de chegar e enfrentar... E de ir lá e pressionar, exigir um espaço num meio de comunicação.

Agora tem mais uma questão. Falam que nós, da religião africana, ligados a terreiros, não temos Bíblia, que a nossa tradição é toda oral: "conforme", "como falou"... Se nós tivéssemos Bíblia, acham que nós seríamos muito mais respeitados, mas nós não temos e em tudo o que fazemos perguntam assim: "Onde está Cristo"? "Onde tá Cristo"?

Quando eu participava da carismática, tinha um tal Espírito e eles diziam que Cristo não é espírito, não se comprova no Espiritismo e estava na Bíblia, fundamentado. Aí, se dizia "mas existe o Evangelho, segundo o Espiritismo" e outros falavam "não existe Evangelho segundo o Espiritismo, existe só um evangelho: São Marcos, São Matheus, São Lucas, e São João, não existe o "segundo o Espiritismo".

A Igreja (?) ainda acha que, como nós não temos Bíblia, como nós somos uma religião ainda massacrada, não temos valor e não temos condição de ser uma religião... Agora, o que a gente vê na televisão, nos livros, nos jornais, sobre a nossa religião, é coisa negativa e é por isso que às vezes eu me toco. É como a Yolanda falou que, às vezes, ela liga a televisão e de manhã, à noite, a agressão é firme sobre os cultos. A Igreja (?) falando sobre os cultos. A gente não tem como ir lá, para dizer "olha, isso tá errado", até porque a gente não tem acesso a esses programas. Mas, que há uma questão muito séria na televisão, em cima da religião, há, mas da africana. Da religião católica há, mas não tão demonstrada como com as africanas. É difícil se direcionada para a Igreja Católica, por mais que se ache que está errada, ninguém diz nada. Mas a terreiros é incrível, a televisão e os meios de massa massacram. Por que? Se questiona "por quê".

Somos inferiores, não temos fundamento? Temos. O que falta? Está aí uma pergunta par todos nós. Eu espero que esse encontro sirva não só para essa questão, para dizer o que falta, o que está errado, o que está certo. Não somos uns coitados, não. Não temos doenças, o que falta ainda para nós todos é uma entidade, é sermos organizados, para podermos exigir dos meios de comunicação esse direito, o que cabe à nós, por lei. Isso não está acontecendo. Você não vê um anúncio de uma festa religiosa de terreiros na televisão. Nem no horário nobre e nem em outro, mas uma festa, um festejo, um Seminário ou qualquer outra atividade das igrejas evangélicas ou católicas você vê. Se eu for botar uma nota, de uma cerimônia de casa de Candomblé, ou de Mina na televisão, geralmente, se sair, é à noite, em um horário que quase ninguém está ligado, porque ainda é visto como de uma religião inferior às outras religiões. Isso é o que passa...

Outro dia na televisão a Angélica, falando sobre a Bahia, mostrou umas coisas da Bahia e falou sobre a cultura baiana: os blocos afros da Bahia. Aí, uma menina começou a dançar e ela falou assim: "lche, essa tá com o santo, sai, sai, sai...". Quer dizer, isso aí é folclórico. Santo para nós tem fundamento, para outros é folclórico, ainda é visto como folclórico, pelos meios de comunicação. E isso aí a gente vê muito. Você vê grupos de danças da Bahia tendo que dançar como nas casas de culto, mas não se quer mostrar a mesma dança numa coisa mais séria, pois não tem respaldo. Mas se mostra alguma coisa folclórica, é o que aparece.

É isso que eu espero que nós, como movimento, com pessoal ligado a santos, a casa de Mina, que a gente sente, converse, discuta, organize para que a gente possa ocupar esse espaço que é nosso, no meio de comunicação. Agora uma coisa é certa, a única religião que é mal vista nos meios de comunicação é a religião africana. Isso eu vejo. Porque as outras, podem até ter problemas, mas não é como a nossa. É difícil você vê um programa de Mãe-de-Santo, a não ser cartomante, ligando não sei para quem e para onde, com mandala, etc. Isso está dentro da

nossa religião?. Não está, porque consultar os búzios, os baralhos, está dentro das práticas religiosas das casas, mas não como divertimento, mas por necessidade, até porque isso tem a ver com dons que foram dados pelos orixás, pelas entidades, até mesmo para conforto de quem procura resolver seus problemas. Não é um comércio como está aí. E virou comércio, virou notícia, aí tem espaço no meios de comunicação. E isso aí a gente tem que sentar, discutir e traçar metas para ver como conquistar nosso espaço no que é nosso. Eu trabalho numa empresa (?) que vê a constituição social e o comércio. No comércio a gente vê muito isso, quando a gente vai trabalhar num campo que é a religião. Numa ocasião, eu tava fazendo uma panfletagem da festa de Jorge, da Fé em Deus, que ele me pediu, e levei lá para o Paraíba, para colocar lá, mas eles não aceitaram, porque “não tinha nada a ver com os clientes deles, que não “freqüentavam ou eram ligados a essas casas”. Então, não conseguimos colocar os cartazes de Jorge, a panfletagem. Não conseguimos fazer, porque não tivemos acesso à divulgação no comércio. Se o comércio tem esse pensamento, avaliem outras entidades?!

Enfim, é isso que eu tenho que falar, o que eu penso sobre essa comunicação que ainda para nossa religião falta espaço. Para as outras nem tanto, mas para a nossa, falta. Falta sim, um programa ou outra coisa para que a gente ocupe esse espaço que é nosso. Obrigado.

3º Debatedora: Venina Barbosa (Candomblé; INTECAB)

Boa noite. Como eu recebi o convite para ser debatedora, não vou palestrar... O debatedor faz com que a platéia e os palestrantes se animem mais. Mas, falando aqui sobre “religião inferior”, pegando o “gancho” aqui do Nunes, você se apresenta conforme o seu pensamento e a luta que você faz para se mostrar contrário a isso. Então, se, a uns tempos bem atrás, nossos ancestrais venceram, conseguiram trazer e fazer sobreviver aqui a religião de matriz africana, nós vamos resistir muito mais. Se hoje a questão da comunicação é a coisa mais forte, que deva ter, por que a comunicação está sendo o meio que está fazendo com que a nossa religião seja vista como Satânica? Por que esse nome é bem católico, o bem, o diabo e essa coisa toda. É muito fácil chamar os outros disso aí e dizer que na realidade, estamos com ele, porque para nós religiosos da religião africana, nossa religião tem o bem e o mal, não é? Então eles botam isso e fazem esse tipo de coisa. O quê que falta para a gente combater isso aí? União, é união de todos nós, é nos unirmos, fazendo valer os artigos da Constituição, que tem artigos lá para esse tipo de coisa. Mas, perante o contexto social brasileiro é meio difícil, mas não é impossível. É meio difícil, mas não se torna enfraquecedor para a gente, desanimador. Temos que lutar contra esse tipo de opressão, esse tipo de comunicação que está sendo feita em relação a religião afro.

Bom, tenho aqui uma coisa relativa a fala do padre Bráulio, que foi um prazer conhecê-lo. Eu já tinha visto uma entrevista, no lançamento do livro dele. Ele fala em ancestral popular, em religião ancestral popular e tradição popular. Eu acho que aí, eu gostaria que depois ele discernisse mais isso, porque a tradição é um elo com o passado, pelo meu pai de santo, não é? A tradição é o guia que é seguido, é o rito, todo um contexto social religioso de povo. Todo. Então, aqui no Brasil, botar tradição, assim popular, eu acho que, por exemplo, a casa das Minas, vai se sentir meio melindrada, porque a tradição de lá é quase como maçônica, não é? E a questão do ancestral?. O ancestral, que a Igreja Católica fala é quase como egun e eu acho que não, que foge muito. Nós temos uma base muito forte em relação ao ancestral. Nós vivemos por causa deles. Estamos aqui por causa deles, e nossa religião sobreviveu e vai sobreviver por causa deles, a do princípios, dos primórdios, a contemporânea e a que há de vir ainda, na idade da tecnologia. Obrigada!...

COORDENAÇÃO: COMENTÁRIOS - FERRETTI. (UFMA; INTECAB)

Nós agradecemos à Venina. Nós tivemos aqui várias conotações, cada um colocou um ponto de vista e a gente vai encerrar e passar ao debate, mas ainda queria retomar algumas idéias. O Padre Bráulio acentuou o que a gente pode fazer para que os meios de comunicação ajudem às religiões populares e colocou varias reflexões. A Roza colocou, dentre outras coisas, como as religiões populares são mal vistas, de um modo geral, nos meios de comunicação, nos meios de massa, sobretudo por nelas participarem pessoas do povo. A Flavia apresentou sua experiência de vida e de trabalho como jornalista, discutindo no trabalho jornalístico e mostrando que nele “a objetividade é suspeita e a imparcialidade é cínica”. Colocou muito bem a sua experiência e se prontificou para discutir aqui a matéria que ela fez sobre o Bitã na revista Parla e a maneira como ela fez esse trabalho. Nunes colocou muito bem que a religião afro-brasileira é mal vista nos meios de comunicação de massa, e a Venina, retomou essa idéias fazendo uma colocação do Padre Bráulio, que a gente quer reforçar na meia hora que temos. A gente vai abrir para a platéia, para que algumas pessoas possam fazer algumas colocações e depois nós voltamos à mesa, para as respostas. Mas, enquanto isso, gostaria de dizer que a gente percebe que os meios de comunicação, às vezes, dão algumas notícias, como quando a gente faz um Seminário como esse, mas, como Nunes mostrou, se uma casa de culto quer fazer um convite, tem mais dificuldade. Passando aos debates, vamos dar a palavra primeiramente a Luza e ao Aroucha.

PLENÁRIA: QUESTÕES

LUZA (Candomblé; INTECAB)

Gostaria de colocar a seguinte reflexão: a gente já conhece, acredito eu, de sobra o que foi colocado pelo menos por boa parte dos companheiros da mesa, em relação a essa questão da nossa religião não ser aceita de um forma melhor, inclusive pela Igreja Católica, Protestante, não é? Nós já sabemos disso a bastante tempo. Agora, no meu entendimento, eu acho que não cabe mais, e aí a Venina falou muito bem, quando ela coloca a questão da existência da nossa espiritualidade, das nossas entidades. Hoje não cabe essa coisa que parece uma tentativa, eu acho que tem que se organizar e contribuir bastante. É o momento da gente se organizar enquanto religião afro, necessariamente, e partir para esse confronto, sim. Porque o momento que a gente tem ficado mudo nessa questão, de ficar omissos, de ouvir tudo de todos e não dizer nada, porque para alguns, inclusive, é até mais importante você ficar sem dar resposta a essas agressões que vem sofrendo, ao longo desses anos. E agora, mais do nunca, a gente vê aí esses programas de televisão. Talvez o pessoal da Universal (?), principalmente. É uma agressão assim, que não tem dó, não tem piedade e aí eu quero propor, que a gente possa, viu Ferretti, trabalhar uma discussão, com todas as pessoas que estão aqui, que representam o Espiritismo, o Candomblé, a Mina, essa cultura Afro Maranhense, que a gente possa discutir num âmbito maior e, quem sabe até, nos organizarmos para ter um órgão nacional, tipo assim uma emissora de TV, por que não?! Isso é ousadia? Vai ser audacioso, mas acredito eu que não, eu acho que está na hora da gente começar trabalhar isso daí assim, e nós vamos ter respaldo, porque tem um artigo na Constituição que garante nosso espaço, mas que não é respeitado. E aí, o que ficava criticando, o tempo todo, os meios de comunicação, porque nós já sabemos que eles não têm interesse nisso, que não é de interesse deles. Não é, não é, porque não diz nada agora para eles, para essa elite brasileira. Agora, nós sabemos que temos conteúdo, nós sabemos que não precisamos de bibliografia para está mostrando para ninguém, temos conteúdo, temos fundamento. Então, está na hora de nos unir, nos organizar e criar esse órgão maior que pode dar resposta a qualquer tipo de agressão. É isso que eu queria colocar.

AROUCHA (Movimento Negro)

Primeiramente, eu quero saudar a mesa: Padre Bráulio, nosso vigário de São José de Ribamar, que com muita mestria mostrou a manifestação popular da cidade de Ribamar, a contribuição que o povo dá. Saudar também a Dona Celeste, Coordenadora Local do INTECAB, e a todos que estão organizando o Seminário e todos os que representam os cultos, mas eu tenho uma coisa para falar para vocês. Eu não sei que, não é João Francisco?, nós conseguimos o João Francisco, que é um companheiro do movimento negro, que e a gente vem trabalhando, Rosário que está ali presente e outros negros (não quero cometer injustiça aqui de não citar todos), mas, esses que estão presentes, eu estou lembrando, eu quero falar sobre isso. João Francisco conseguiu um espaço na antiga Rádio Ribamar e nós fazíamos um programa “Nossa Gente”. Era um programa de uma hora, aos domingos, e que nós lutávamos, companheiros, para que houvesse participação das pessoas dos cultos e dos companheiros negros. Porque na nossa gente, que nós falávamos, nós falávamos dos cultos afros e nós falávamos da nossa gente. Falávamos das pessoas que trabalhavam como uns aqui inscritos, falávamos de pesquisadores como Rosário, falávamos de artistas como Paulinho, do Akomabu, da Banda Guetos, etc., etc... Mas nós não tínhamos o respaldo, nós não tínhamos a resposta da sociedade. Mas, dizer também que nós nunca tivemos programa em rádios, de cultos afros? Tivemos sim!.. Tivemos o programa de José Cupertino, hoje finado, de Sebastião do Coroado, mas individuais. Falavam deles, da seita deles, do terreiro deles e etc. Não falavam mais de ninguém. E depois tem uma outra coisa, minha gente, quando algum pai-de-santo tem a oportunidade de fazer um programa ou de ser entrevistado, eles falam coisas absurdas, como, por exemplo, dar ênfase à questão da magia negra. O Senhor Bitá do Barão diz ali, na capa da revista Parla, “Eu trabalho para político e todo para quem eu trabalho cai na cadeira que quer”. Quer dizer, os próprios pais-de-santo reforçam a idéia de que se trabalha apenas com a magia negra. E depois, vamos para um outro espaço, vamos ver os negrinhos que passam para a igreja protestante, como eles vão se pronunciar. Vamos ver os negrinhos que passam para a nossa querida Renovação Carismática Católica, como eles se pronunciam? Dizem: “eu vivia no inferno”, “eu dava a minha alma para o diabo, porque eu fazia despacho”, eu fazia não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê e “era entregue para o Satanás, o Satanás que estava no meu corpo”, “hoje eu sou católico”, “estou na Renovação Carismática”, “eu sou da Igreja Universal do Reino de Deus e estou salva, estou prosperando na vida”, etc., etc., etc. Quer dizer, nós nem sabemos utilizar o espaço dos meios de comunicação, quando nós entramos na rede. É para questionar, minha gente, é? Padre Bráulio, falou na nossa querida Radio Educadora. Eu participei também, a algum tempo, da Rádio Educadora, no programa: “Para onde vais” e Padre Bráulio e outros padres negros, que a igreja adota no Maranhão, graças a Deus, e nós fazíamos, ajudávamos no programa “Para onde vais?”, da Comunidade Eclesiais de Base. E nós questionávamos, nesse programa, a hiper lotação (?), a discriminação que a própria Igreja fazia contra nós. Verdade, Padre Bráulio?! E, quando menos, à Comunidade Eclesial de Base. Nos nossos encontros, nós questionávamos isso, nos encontros das Comunidade Eclesiais de Base. Deu um “rebu” doido, no Rio Grande do Sul, porque nós questionávamos a questão das Comunidade Eclesiais de Base, que não faz mal para ninguém. Pois sim, nós sempre procurávamos, ou procuramos, no espaço onde estamos, levantar a questão, mesmo sendo católico apostólico romano, membro da Comunidade Eclesial de Base, membro do Cursilho e não sei que, e não sei que... Mas, nós sempre questionamos os cultos afros dentro da nossa Igreja. Porque isso? Porque a igreja foi ainda o único meio de comunicação que nós tivemos para participar, mas também, nós não soubemos usar esse meio de comunicação.

Agora eu peço uma explicação ao Padre Bráulio e para você também, Roza. É difícil, Padre Bráulio é um membro do clero no Maranhão, não é o dono da Rádio Educadora, a pressão dos cultos afros no nosso meio de comunicação, da Rádio Educadora e da Rede Vida, que é mais difícil do que se pensa, a educadora é fácil. Roza, o que você tem feito na Universidade?. Rosa, o que você tem feito na universidade ?. Obrigado!..

IRMÃ NAZARÉ (Freira católica)

Uma coisa que me chamou a atenção aqui, desde a hora que começou, interessante. É que eu acho que é muito difícil a gente comungar de uma coisa que a gente não conhece, não é?! A gente está vendo aqui a questão de se organizar para exigir um espaço para os cultos afros, e a gente sabe que é muito difícil essa organização, porque são poucas as pessoas que se assumem dentro disso aí. Então, às vezes, eu vou lá, eu estou lá, eu participo, mas eu não defendo, porque eu não me sinto parte de lá. Então, eu acho que tem que ter uma “Flávia” que, além de ser jornalista, ela se assume naquilo que ela é. Se eu sou católica, eu tenho que assumir o que eu sou e também exigir o direito, naquilo que a minha religião exige. Se eu também sou desses cultos afros, eu tenho também que investir, eu tenho também que ter conhecimento, eu tenho que me preocupar para conhecer. A gente conhece pessoas nas comunidades, que participa lá dentro, mas quando a gente precisa... Uma vez, não me lembro quando, a uns dois anos atrás, eu tive que fazer um trabalho diante disso aí e fui procurar umas pessoas, que eu sei que freqüentavam isso aí. Aí eu pensei que realmente elas fossem menos agregadas (?) ali dentro e, na hora, elas disseram: “_”não! Deus me livre, sou católica!”. Ora, se eu sou uma coisa, tenho que assumir. É ou não é. Então, uma coisa que vejo é que a gente não comunga com as coisas que a gente não sabe ou, até mesmo, porque a gente não é. Olha, dois anos atrás a gente celebrava (a nossa área é Itaqui-Bacanga) a festa de surubim (?). Por que, na hora de se assumir como negro, você está negro, mas você não quer, você não se encontra ali, você vai lá, mas você é um “peixe fora d’ água”, não se assume. Aí você critica quem está lá assumindo, porque não faz ou porque deixa de fazer... E você não vai, porque você não se sente. Então, uma das coisas que eu deixo dos cultos afros, estão aí. Então, não tem como usar a força para organizar esse espaço, como a gente está vendo os colegas aqui exigindo isso, porque as pessoas não são. Vão, participam, mas, quando se questiona dizem “Eu não sou disso não, eu sou católica, eu sou da Assembléia, eu sou do... Então, fica muito difícil para a gente saber quem é e quem não é, todo mundo vai, mas ninguém é. Fica complicado, não é? Eu sou lá do ..., mas eu não sou... Então, quer dizer, eu acho que é hora também da gente começar a se identificar... Dizer o que é que eu sou, começar a dar a mão, porque eu acho que cada um se identificando no que é, eu acho que é melhor da gente trabalhar dentro das religiões e também dentro dos cultos.

Então, outra coisa que me questiona é essa questão, desde quando eu vim do interior para cá, que eu via muito essa participação, seja nos terreiros, seja nos cultos onde ninguém não é (...). Vai perguntar para que está participando dos sacramentos, está em tudo quanto é coisa Igreja Católica, dizendo que é meu irmão, que é católica e, ao mesmo tempo, de noite, tá lá (no terreiro?). Eu acho que é hora da gente se identificar. Muito obrigada.

YOLANDA (Umbanda; INTECAB).

Boa noite. Olha, eu quero fazer algumas colocações. Primeiro, eu gostaria de satisfazer uma curiosidade minha em relação ao trabalho jornalístico da Flávia. Quando eu vi a reportagem da revista Parla, eu achei bonita a revista, um encarte (?) maravilhoso, uma tiragem fabulosa, mas eu fiquei curiosa para saber de que tamanho era a chave do buraco que você espiou, porque os buracos das chaves lá de casa, em todas as posições que eu olhei, abaixado, olhando, dizendo tira, meu filho, essa chave daqui do teu quarto e não deu. Eu olhei nos labirintos do meu Centro também, procurei tirar a chave, para ver se eu via, se eu olhava alguma coisa, numa posição, e nada. E fique curiosa: de que tamanho era essa chave? Me recordei que, a alguns anos atrás, nos meus princípios de profissional, eu morei em Caxias, e a casa tinha uma chave assim, deste tamanho (...) e, quando nós íamos para o cinema ou para qualquer passeio, era impossível levar a chave, porque era enorme e tinha um lugar onde se escondia essa chave. Esse buraco de fechadura talvez seja do tamanho daquele que eu tinha lá em Caxias. Eu fiquei curiosa. Outra coisa é quando você (Flávia) diz que você tem seu mentor espiritual. Todos nós, espiritualista ou espiritas, católicos, crentes, temos os nossos mentores espirituais. Sejam eles diferentes, mas um tem a responsabilidade do mesmo nível, do mesmo tamanho, que o outro tem. É igual a um pai de família. Ele pode ser um operário, mas ele diz com orgulho: eu formei os meus filhos, meu filho é um profissional de mão cheia.

É a responsabilidade que ele tem. Ele pode não ter a linguagem floreada, mas ele tem a sabedoria de um pai. Então, não existe no universo nenhum superior ao outro, somos iguais porque somos filhos do mesmo pai.

Minha segunda colocação é que gostei da fala do Padre Bráulio (aliás, é a segunda vez que nós temos a oportunidade de estar dialogando). Alguns anos atrás, eu participando de uma reunião de religiosos, ouvi dele, na porta da igreja de Santo Antônio (não só eu, mas algumas outras pessoas também ouviram), que cada dirigente religioso tinha capacidade de celebrar dentro de suas casas, seus cultos, fazer as suas preces, as suas orações, com as mesmas linguagens(?). Eu concordo plenamente com ele porque nós somos sacerdotes e assumimos esse sacerdócio. Escolhemos esse sacerdócio de livre e espontânea vontade ou fomos escolhidos por alguém, que se chama Nosso Pai, que é único, para essa missão e, como eu falei, para servir, com o pé no chão. E, se nós temos o poder de consolar os outros, porque nós não temos o poder de agradecer àquele que nos favorecem nos momentos difíceis e vamos lá bater na porta da Igreja, para ele (o padre?) rezar pelos nossos irmãos que desencarnaram? Vamos orar à nossa maneira e com a cabecinha batendo no chão, com o pé no chão. Eu crio um meninozinho, ele tem 6 anos. Então esse meu filho caçula colou grau a uns meses atrás e eu fui assistir a missa. Eu me assumi como umbandista, me assumi mesmo. Sou, não nego, me assumo, porque não tenho porque me envergonhar. Sou livre e de espontânea vontade faço da minha religião o meu sacerdócio. Então, quando ele chegou na igreja, todo mundo entrou, aí ele ficou sem saber o que fazer e o que ele fez: chegou, cruzou os bracinhos, bateu a cabeça e sentou. Por que? Porque é a prática que ele está cumprindo, é assim que ele aprende a saudar. Depois ele começou a olhar a igreja (era a da Conceição) e disse assim: “Mãe, aquela cruz e aquele Cristo, não é o mesmo que tem lá em casa?”. E eu disse: é, é o mesmo. Ele então falou: “mas dentro da igreja é diferente da nossa casa, não é?” E eu disse: é... E ele continuou: “e aqui, não tem tambores?” Eu disse: os tambores daqui são guardados (?)... E ele disse: Ah, bem!... Ele estava se identificando com o meio em que ele vive. E, quando nós procuramos espaço na mídia, em qualquer forma de comunicação, nós não estamos procurando uma “lanterna”, mas, é mostrando a nossa cara de brasileiros, umbandistas. Temos que dizer aos cultos afros: mostra, não o teu respeito, mas a tua fé, porque a tua fé deve ser igual a fé dos outros. Não é pulando de “galho em galho”, de porta em porta, que nós vamos encontrar a nós mesmos. Nós nos encontramos naquilo que nós assumimos um dia na casa do Pai. Às vezes um foge do caminho. Não adianta dizer que tirou o Satanás dele, porque nenhum de nós tira o Satanás de ninguém. Eu já recebi severas críticas lá na minha comunidade. eu tenho uma casa no Anjo da Guarda, mas não me preocupo mais com isso. Eu digo: aquele que me critica deve pertencer a minha casa, pois se eu incomodo, quando estou praticando minha religião, fica tocado. Porque o que não me interesse, eu não me incomodo, eu não quero saber o que o meu vizinho come, mas, se a fome dele bater e chegar na minha porta, eu sacio a fome dele. Então, quando começa a preocupar, começa a caminhar. Alguns chegam a dizer que nós estamos com o Satanás ou que tiram deles o Satanás!.. Eu questiono: “Será que Deus, esse pai maravilhoso, esse pai de imensa bondade, vai deixar eternamente um inimigo a lhe “atarantar” a paciência?”. Porque esse Satanás não evoluiu, já que ele criou todos os seus filhos para a evolução? Eu já estou para completar 57 anos. Eu já me entendi ouvindo falar desse Satanás, que já deve ser muito mais velho do que eu. Então, Deus de infinita bondade, para condenar este ser, para uma pena eterna, de perseguir, de inferiorizar, de atormentar, de levar os outros... Onde está essa bondade? Eu também questiono isso. Nunca mais as Pombas Gira (?) saíram das igrejas evangélicas. Todos os dias elas baixam: no café, no almoço, no jantar, de madrugada... Elas não tem mais tempo, não é? E nenhuma daquelas pessoas as conhece e reconhece a sabedoria que cada um têm no seu espaço de trabalho. Talvez seja essa ignorância que leve as pessoas a dizerem: são demoníacos; bebem cachaça, fumam charuto... E, quando nós ouvimos a palavra da Rosa e do nosso companheiro (?), achamos importante, porque se nós somos criticados, nós nos tocamos jamais (?). É preciso que haja crítica, para que nós possamos valorizar nosso trabalho. É preciso que haja assim essa guinada (?), para despertar, para crescer. Nós só poderemos crescer, estudando, porque sem estudo não se evolui. É por isso que eu louvo a (?), que é de uma sabedoria

tamanha, que escreve coisas importantes e que serve muito bem de exemplo a todos os outros babalorixás e outros irmãos.

ESPÓSITO (Cohatrac):

Boa noite. Eu queria, inclusive, parabenizar a mesa que deu espaço hoje, para o plenário se manifestar. É muito interessante. E, como a questão é complicada, eu queria fazer uma provocação (?) para a Flávia. Só um pouquinho, contextualizando, a família real quando veio ao Brasil, a Carlota Joaquina (?), diz que Dom João VI, preocupado com problemas supérfluos, soltou a seguinte frase: "quando você não sabe o que fazer, não faça nada". O problema é que a gente não sabe o que fazer e fica sem fazer nada e a comunicação é uma "faca de dois gumes". E eu gostaria que a Flávia tentasse dizer para a gente aqui, para mim, em especial, o seguinte pensamento de Irineu Marinho, esse da Rede Globo (um fortão, que tem lá), num seminário internacional, onde ele colocou que a televisão é um espelho e uma janela pelos quais vemos o mundo. Ou seja, a questão de você se apresentar ou não... De ter uma preparação, um conhecimento, para não se falar bobagem, porque a capacidade que a mídia tem de construir tem de destruir.

PLENÁRIA: RESPOSTAS

BRAULIO (Padre católico)

Se eu compreendi bem, a companheira pediu que a gente clareasse a questão da ancestralidade, não é? Bom, a minha intenção primeira e única era dizer que esses símbolos, esse mundo simbólico, a forma de se expressar, o culto tão rico, tão bonito, foi e continua sendo a forma que essa minoria africana encontrou para se manifestar. É a forma que têm de falar, de expressar; de rezar; de resistir. Essa era minha intenção, falar da comunicação do povo negro, das religiões africanas, que estaria exatamente nesse modo de pensar. Tudo o que nós fazemos, cremos, expressamos, deva ser visto com respeito porque é a nossa forma de passar o nosso conhecimento, crença, confiança, tudo, para o "povo do culto", assim chamado. Outra questão sobre a ancestralidade, eu me coloco assim na linguagem de origem. Não quis assim entrar em "por menor". Minha intenção era dizer que a tradição africana de origem, não é!, ela nos ajudará, de modo particular, mesmo a partir dos ancestrais. Ancestrais, aqui na minha cabeça, tem mais de nobre, daquilo que é mais sagrado, que é., realmente, a expressão do divino para o culto de origem tradicional. Claro que eu não me arrisquei a falar nem de orixás, nem de voduns, porque é muito complicado. Então, por isso, eu parto para a ancestralidade, de que há esse depósito. Por exemplo, quando Nunes dizia que nós (cultos afros?) não temos Bíblia, eu lembrei: e os nosso velhos, depósitos de sabedoria?. Imagina todas as Africas que nós conhecemos vir desse depósito, dele passado para as crianças. Desde o nascer todo mundo tem que saber como é que se faz, como é que se lê essa "Bíblia" do povo africano. Com símbolos, com gestos. Então, realmente, não tem Bíblia, como nós estamos acostumados a ver, mas tem essa expressão que vai passando com um carinho extraordinário. Então, era essa a minha intenção: dizer que nós, herdeiros de uma tradição bonita, santa, nós somos herdeiros de um panteon, de uma família de Deuses (santos), não temos que ficar desejando nada de ninguém. Será que tem razão isso que eu sempre disse, que num ponto de partida, de chegada, a Igreja Católica (claro, nós convivemos, dialogamos e hoje em dia nós vivemos esse momento gostoso, porque a religião passa, nós temos que viver com a idéia da "dupla pertença". Os nossos irmãos do culto afro são nossos irmãos, filhos do mesmo pai. Hoje em dia, irmã, até que nós não queremos mais que os irmãos vão se embora da Igreja (Católica). Não é preciso, não, a Igreja está desenvolvendo exatamente isto. Nós queremos que eles venham para o sacramento por escolha, não mais por imposição. Se ele acha que para que a casa dele se firme tem que se batizar, faça. Faça Eucaristia, faça o que quiser. Nós achamos que nós não somos donos do

sacramento e isso é bíblico. E a resposta, para terminar, é exatamente aquela resposta bíblica à mulher Cananéia, que estava na mesa com Jesus e pediu um pedaço de pão para o filhinho. Jesus atreveu-se a dizer que não dava. Ela não pediu de novo, mas disse: olhe Jesus, não esqueça, os cachorrinhos merecem comer as migalhas que caem da mesa do seu senhor.

Então, não estão os cultos afros pedindo nada porque a Igreja Católica defende que o sacramento que ela oferece é patrimônio de todos, não é? A Igreja é só o depósito, é só o baú onde se colocou essa verdade, não é dona da verdade, não é dona de Deus. Então os africanos descendentes, os cultos afros, não estão pedindo favor a ninguém. Muito obrigado.

“Mas também não estão catando migalhas”, acrescento Venina...

ROZA (Rádio Universidade; INTECAB).

Bom, o Aroucha que me questionou no que eu tenho feito na Rádio Universidade com respeito à cultura afro maranhense. Não tenho feito muita coisa, ao meu ver, mas, dentro desses dez anos que eu estou na Rádio Universidade, eu sempre privilegiei as manifestações culturais e, principalmente, a religião afro. Eu, quando posso, não só divulgo, como entevisto pai de santo, festeiro. Vou a festa e faço entrevista. Nós já chegamos a produzir um disco, chamado: *Batuque*, com o Divino da Casa das Minas, o Tambor de Crioula da Fé em Deus, e Bumba-meu-boi. Nós caminhamos muito, eu, um companheiro de trabalho, Jurandi, para os interiores, tentando resgatar a religião. Gravamos, a Rádio tem muito material gravado. Agora, dentro de uma instituição, é preciso que todos comunguem o mesmo pensamento, para a gente realizar um trabalho. Nós sofremos. Temos muita coisa guardada, mas a gente precisa de recursos e que pessoas comunguem do mesmo pensamento para poder julgar. Eu quebrei e quebro barreiras. No meu programa: “SANTO DE CASA”. eu levo babalorixás. Já levei Euclides, Jorge, outras pessoas para fazer entrevista e temos um artigo com essas nossas figuras maranhenses, com o Jorge, com Dona Celeste, com caixeiras. Então, eu venho tentando, num trabalho de formiguinha, fazer a minha parte. Agora também, os nossos pais-de-santo são de uma humildade tremenda, que você às vezes convida para uma entrevista e eles ficam tão temerosos pela sua própria origem ou da religião. Eles foram acostumados com um preceito de guarda de segredo, mas pessoa alguma vai para uma entrevista para dizer os segredos. A gente quer tornar mais visível. Quando se faz uma entrevista, o que é que a gente quer? O nosso objetivo, o meu, é dar mais visibilidade ao culto afro, a gente não quer saber dos segredos, a gente quer que seja divulgado que existe tambor tal, que vai acontecer isto ou aquilo. A gente quer que cada um se assuma, se mostre, se assuma como tal. Eu não preciso está dizendo: “Eu sou umbandistas”. Às vezes eu não digo que sou umbandista, mas a minha prática, meu comportamento, as coisas que eu privilegio dentro do programa, acho que dá para se notar que eu optei pela cultura popular (...).

FLÁVIA (Jornalista; espírita):

A primeira pergunta foi feita pela D. Yolanda. E eu quero agradecer a colocação dela, até porque isso enriquece profissionalmente o nosso trabalho de uma maneira incrível, e seria excelente se nós tivéssemos essa possibilidade de interatividade toda vez que escrevêssemos um texto, fizéssemos uma matéria, um vídeo, tivéssemos essa interatividade com o leitor ou com a pessoa que está assistindo. Então, eu queria responder a primeira questão, quando ela coloca sobre a chave, quando eu digo assim: “Olhamos pelo buraco da fechadura de um segredo trancado à sete chaves”.

Bom, em princípio eu queria esclarecer que eu coloquei “invadindo o seu escritório”, mas, na verdade, nós não invadimos. Eu tenho testemunhas, eu tenho Márcio Vasconcelos, que foi quem fez essa capa belíssima, que vocês estão vendo bem ali atrás, ele é nossa testemunha também. Em princípio o Bitá não quis abrir a sala onde ele realiza os seus trabalhos e depois ele abriu, deixou aberta... A porta ficou aberta e eu entrei tranqüilamente... Não invadi...

Deixou aberta. Então, tinha um ar condicionado, uns trabalhos, etc. Quer dizer, na verdade eu não invadi, eu entrei e saí porque ele deixou aberta.

A princípio ele disse que não, que naquele local ninguém podia entrar e, se ninguém pode entrar, tudo bem. Depois, ele mesmo, abriu e deixou aberta a porta e nós, que estamos fazendo nosso trabalho, temos um compromisso de mostrar para o leitor, fomos lá e fizemos. E, essa chave, na verdade é uma metáfora, é uma figura de linguagem que nós usamos aqui no texto. A segunda, quando ela coloca, muito bem, sobre o mentor espiritual, eu falo assim: "Teria o seu guia se aborrecido com o meu mentor espiritual?". Na verdade, é outra figura de linguagem. Na verdade, nós quisemos dar um tom um pouco humorístico. Quando se fala assim: Ah, o meu santo não bateu com o dele... Essa forma de você brincar com o leitor e colocar o leitor numa situação como se ele estivesse na minha situação. Então, foi a forma como eu expressei. Eu repito, isso é estilo de quem escreve, é para dar um tom um pouco humorístico, assim como eu coloquei aqui: "Penso que o meu arzinho kardecista talvez não esteja incomodando", não é? Então, foi uma forma que usei para dar leveza a um texto que foi um tanto, eu confesso, difícil de ser feito. Bom, a questão que ele (alguém da platéia) colocou sobre a frase do Irineu Machado (?), que diz que a televisão é um espelho pelo qual nos vemos, na verdade, essa afirmação do Irineu Machado (?), eu diria que é um pouco simplória. Adalberto Machado, um outro teórico, disse, numa de suas obras, que a televisão é o veículo simulacro mais analógico do real. Na verdade, a TV produz simulacros. O que se estuda hoje em televisão, que eu acho que é até mais minha área de atuação, o que se estuda em televisão, é que ela produz simulacros do real. Na verdade se estuda a espetacularização da notícia, a espetacularização de fatos. Quando nós vimos, por exemplo, matérias jornalísticas que aparecem com um fundo musical ou com efeitos que é o VC (?), com efeitos, vinhetas, a violência espetacularizada. É isso que se discute hoje em comunicação, a forma de como a TV produz simulacros do real: pega a realidade, produz aquela coisa espetacularizada, transforma num show de espetáculo, é o show da vida, o que o Fantástico faz, assim como o Ratinho, o próprio Leão (?), se não me engano, hoje fazem isso. Isso é uma das preocupações muito graves dos teóricos que estudam o fenômeno da televisão, hoje no país. E, para o pessoal que quer saber mais detalhes sobre o Bitá do Barão, eu queria colocar que o Bitá adorou a matéria, não se preocupem. Sim, porque foi a minha preocupação, o meu maior temor: será que ele vai gostar da matéria? Eu fiquei assim muito preocupada. Até porque no dia que eu for escrever para um leitor gostar aí acabou a jornalista, não é? Que eu passar a escrever em função do que o leitor espera, acabou a jornalista. Não posso ser assim. Então, ele adorou a matéria, já mandou pedir muitas revistas, toda semana ele pede mais: "Me mande mais 20 revistas".

Gostou muito da matéria. Só questionou essa coisa de ter 20 fazendas. Ele disse que não tem 20 fazendas, e eu acredito que tenha falado num momento de exaltação. Mas nós temos a fita, por medida de segurança, nós guardamos as nossas fitas. Mas ele gostou e as suas filhas ligam para nós. Ontem mesmo eu peguei um recado na secretária, que o Bitá estava chegando Domingo, dia 25, para quem quer saber, vai estar no bairro de Santa Cruz, na rua Epiácio, nº 26. Até guardei o endereço na memória. Então, ele tá sempre em contato conosco. O pessoal da comunidade (religiosa?) que se sentiu um pouco ofendido, pode ficar tranquilo, que ele gostou muito da matéria. E, para finalizar minha fala, dado o adiantado da hora, eu queria colocar a revista Parla à disposição de todos os grupos religiosos. Nós temos aqui fax, temos telefone e a revista está aí para ser distribuída para vocês. Estamos à disposição de vocês, para qualquer tipo de informação, matéria, notícia. É só ligar, só mandar o fax. Estamos aí e agradecemos essa participação, que foi tão enriquecedora, tanto do ponto de vista profissional, como também religioso, para nós. Muito obrigada.

1ª Apresentação: Euclides Ferreira (Mina e Candomblé; INTECAB)

Boa noite. Para quem não me conhece, meu nome é Euclides Menezes Ferreira (Talabyan Fesunkisé), fundador e Babalorixá da Casa Fanti Ashanti, que já dirijo há quatro décadas. Eu gostaria de pedir ao coordenador da mesa, o professor Sérgio Ferretti, se me permite, fazer uma pequena retomada de algumas colocações de ontem.

Pois bem, dado o tema de ontem, comunicação, era muito bom se os chefes de terreiros aqui presentes pudessem se “apresentar”, exatamente para melhor se comunicar, pois, na verdade, nem todos aqui se conhecem. Sobre as colocações de ontem, achei muito interessante a da irmã, freira, que não sei o nome, quando ela fala, que o povo de santo deveriam se assumir. Essa cobrança veio de tantas outras pessoas que nos leva a pensar se isso seria ou será o certo?. Mas, vejam bem, eu ainda acho um tanto complicado porque, normalmente, o povo de santo é católico por tradição familiar e foi batizado na Igreja.

Então vejamos: na referida igreja, vamos assistir à Missa, ouvir a palavra de Deus na sua liturgia. E, quando se está no terreiro, não é nada menos que para cultuar a ancestralidade popularizada como: Orixás, Voduns, Inkises, Bonsus, Loas, etc., o que não podemos negar que é de uma religião milenar. E eu pergunto: qual seria a forma de assumir nossa identidade como povo de santo perante a sociedade?. Usando indumentárias e adereços que chamam atenção, para ser mais forte a crítica e o preconceito?

Padres e freiras, normalmente seus trabalhos são nas igrejas, mas vão em qualquer parte com suas roupas litúrgicas. Os pastores, os missionários fora de suas igrejas - na sua maioria são bancários, empresários ou de outras profissões -, estão sempre trajados de manga de camisa ou de terno e gravata. O povo de santo, que trabalha em determinada repartição, ou mesmo empregados domésticos, será que vai ser permitido a ele entrar na repartição ou na casa de “barões” com os seus trajes afro-religiosos?.

Eu gostaria, nesse sentido, de ouvir a opinião dos presentes, de alguém nos dizer como deveremos assumir nossa religião fora do terreiro. Usando um destaque ou algum distintivo? Qual seria a melhor forma? Por gentileza, dê suas “opinião” por escrito e, se possível, deixem seus nomes, formação e ; instituição a que pertence. Isso fica para o final. Cada um pode escrever o que pensa e depois fornecer esses dados.

Pois bem, falando do tema de hoje: Perspectiva das Religiões Populares no próximo milênio, ao iniciar, gostaria de agradecer aos presentes, por essa força e pelo apoio que vieram dar esse evento, promovido e realizado pelo INTECAB-MA (Instituto da Tradição e Cultura Afro-Brasileira), que já está conferindo nove anos à nível nacional e tem sua sede-matriz em Salvador (BA).

Dado ao tema a que me compete, que é: “Perspectiva das Religiões Populares no próximo milênio”, eu não saberia discutir tão precisamente por falta de conhecimento com as outras religiões. Mas, diante de minha visão, venho sentindo, no dia a dia, algumas religiões populares se organizando, o que de alguma forma não deixa de ser um salto muito grande para o próximo o milênio, muito embora estejam acompanhando a evolução dos tempos. Mas, de qualquer forma, estão aí de mãos dadas para a grande luta a que faz a cordialidade, a democracia, a solidariedade, etc.

Falar da religião afro-brasileira, que também é popular, eu acho bastante complicado e polêmico, dado ao tema “perspectivas”. Alguém pode me chamar pessimista, mas devo falar o que sinto. Enquanto as outras religiões populares se organizam, as pertencentes ao afro-brasileiro fazem o contrário e isso se deve a questão do poder, ao charlatanismo, à insegurança, à falta de conhecimento, ao orgulho, ao egoísmo e, acima de tudo, à humildade que tantos não querem ter.

Meu modo de ver o afro-religioso no próximo milênio, certamente pode ser o contrário de muitos, não pela variedade de cultos e sim pela falta de cuidado, consciência e definição em algumas casas de cultos. E, certamente vai chegar um momento, nesse próximo milênio, de não se entender mais quem é quem e o que, na realidade, está sendo cultuado em algumas casas.

Antigamente, mesmo havendo grande opressão, existia os terreiros de nações diversas como: Nagô-Abeokutá, Nagô-Ibadam, Nagô-Tapa-Nupe, Cambinda, Felupe, Jeje Fon, Caxeu, Bijagó, etc., não deixando de fora os ameríndios, que são ritmos de pajelança, ou seja, curandeirismo, mas todas bem definidas.

Atualmente tem sido o contrário. Existe mais terreiros, um pouco de liberdade (eu falo de mais liberdade, pois antes, para se tocar tambor, teria que se tirar licença na Polícia, e hoje não, está tudo mais à vontade, cada um toca na hora que entende, não é?), mas a maioria não sabe o que é nação e também não tem raiz e nem origem. Assim sendo, qual será a perspectiva para o próximo milênio?

Além da falta de consciência de alguns donos de terreiros, muitos não querem trocar experiências, ou seja, confraternizarem-se nas horas certas, para discutir o destino da nossa religião, não importa se são Umbanda, Mina, Cura, Kardecista, Terecô, Kimbanda, Candomblé, etc. O importante mesmo, é que quando e quantas vezes for necessário essa massa espiritualista possa se reunir nesse ou naquele evento que diz respeito a nossa religião.

Se tem conhecimento das grandes distorções que vem acontecendo em alguns terreiros e, se assim continuar, no próximo milênio não vai mais haver um culto sadio e coerente. No 1º dia desse Seminário ouvi uma palavra muito bem colocada pelo pastor Joel, da Igreja Batista, que disse que as religiões ultimamente estão parecendo uma “colcha de retalhos”, pegam um pedaço do lado de cá, outro ali, e assim está pronta para deitar e rolar. E tudo isso porque certos donos de terreiros não entendem, ou não querem entender, que o afro-brasileiro é uma “faculdade” paralela, onde teremos que aprender na prática, oralmente, e não em livros ou xerocando coisas dos outros. No nosso Maranhão existe o hábito de alguns donos de terreiros dizerem que :”já nasceram feitos”. Outros até se dizem filhos-de-santo de pessoas famosas, quando, na verdade, muita das vezes nem mesmo aquela pessoa famosa passou por um ritual severo. E, assim continuando, dá para qualquer um deduzir qual é a “perspectiva da religião no próximo milênio”.

Para concluir, faço um alerta: “vamos defender nossa religião. Apesar da mesma ainda não ser oficializada, mas é onde nós, povo de santo nos encontramos com Olorun, Olodumaré e Orumilá (que significa Pai, Filho e o Espírito Santo). E, como todos são sabedores que no Maranhão, mais precisamente, em São Luís, além da grande fragmentação e distorção de cultos, nós não temos quase nenhuma referência, então eu acho que o momento é esse para enfrentarmos o preconceito, para conquistar melhor e já o nosso espaço de liberdade como cidadãos humanos e brasileiros, pois os espiritualistas também merecem respeito universal. Muito obrigado.

2ª Apresentação: Osmir Freire (Federação Espírita) - cópia de texto apresentado

PERSPECTIVAS DAS RELIGIÕES POPULARES NO MARANHÃO NO PRÓXIMO SÉCULO

O fato de haver sido convidado para participar, em nome da Federação Espírita do Maranhão, deste Seminário de Estudos, nos deixa satisfeitos por nos trazer a convicção de que há um propósito amplo e construtivo, visando ao conhecimento amplo das temáticas em abordagem: a liberdade e o respeito entre as religiões populares, frente aos meios de comunicação de massas e o futuro das religiões populares no próximo século. Consideramos muito importante

o exame consciencioso dessa problemática, por diversas correntes filosófico-religiosas, trocando idéias e experiências com lealdade e sem preconceito.

Não ouvi as preleções anteriores, mas acredito que, apesar das profundas divergências doutrinárias que dividem as nossas opiniões, em linhas gerais devemos ter uma compreensão pacífica a respeito da liberdade de culto e discriminação religiosa, da situação de cada religião em relação aos meios de massa e, de igual forma, das perspectivas de cada uma das religiões do próximo século. Nesses eventos não devemos nos situar nesses pontos que nos separam, mas sim naqueles que nos aproximam, por serem comuns à todas como princípio da sobrevivência da vida espiritual, como o princípio da sobrevivência da vida espiritual além da matéria e a existência de Deus.

Todas as denominações religiosas aceitam esses princípios básicos. São pontos pacíficos. Embora nos separemos inevitavelmente em matéria interpretativa, assim como nos pontos de fé, estamos de pleno acordo na base dos problemas, pois qualquer ameaça a uma convivência harmoniosa entre os diversos segmentos religiosos representaria uma violação da lei divina que recomenda que nos amemos uns aos outros.

Em relação a doutrina espírita, que se baseia no cristianismo e que apresenta os aspectos científicos, filosóficos e religioso, e que tem como princípios fundamentais a crença em Deus, a sobrevivência do espírito à morte do corpo físico, a reencarnação; a lei de causa e efeito, a comunicação entre o mundo espiritual, o mundo material e a pluralidade dos mundos habitados, são muito boas as perspectivas para o próximo século. Ressaltando que o espiritismo, é a religião que tem mais crescido ultimamente, em termos proporcionais, conforme já noticiou importante revista de circulação nacional.

Desde quando eu entrei no movimento espírita no Maranhão, em 1978, para cá, portanto em 20 anos, houve um crescimento significativo em nosso Estado. Sem dados precisos, posso afirmar que nesse período o número de instituições espíritas criadas mais do que dobrou tanto em São Luís quanto no interior do Estado, aumentando também o número de eventos e de trabalhos, tanto de atendimento às pessoas no Centro espírita, quanto assistindo-as fora da Casa, na própria comunidade em que residem. Houve também um forte incremento na divulgação do Espiritismo, através dos meios de comunicação de massa e por meio do livro. Importante ressaltar que, atualmente, há um outro importante veículo de comunicação sendo utilizado: a Internet. Eu mesmo participo de um canal onde discutimos, diariamente, os assuntos sobre a visão espírita. Dele participam pessoas de todos os recantos do Brasil e de outros países. Igual a esse, do qual participo, existem vários outros, inclusive em idiomas estrangeiros, todos veiculando a doutrina Espírita. Nesses canais palestras são realizadas periodicamente, permanecendo abertos o dia todo para as discussões sobre temas previamente escolhidos. Além desses canais, existem listas de discussão, sites, obras materiais e outros recursos disponibilizados para o estudo e a discussão do Espiritismo. Nesse particular, o crescimento do Espiritismo tem sido vertiginoso e as perspectivas para o próximo século são tão grandes que seria impossível mensurar, dado à facilidade que essa via oferece e a celeridade com as mudanças ocorrem na Internet. É importante destacar que o Brasil é o país onde essas perspectivas são mais animadoras, pois é justamente em nosso país onde o Espiritismo tem mais crescido, sendo o Brasil atualmente a maior Nação espírita do Mundo. Para se ter uma idéia, no período de 30 de setembro a 03 de outubro último, realizou-se em Lisboa/Portugal o “Segundo Congresso Espírita Mundial”. Dos 3047 participantes, oriundos de 27 países, 1800 eram do Brasil, representando 25 Estados, e entre os brasileiros, o Maranhão teve uma participação de destaque.

O Espiritismo tem tudo para crescer no Brasil, onde se faz representar em praticamente todos os estratos sociais, com a criação de entidades espíritas especializadas, a exemplo da “Cruzada de Militares Espíritas”, que divulga o Espiritismo nas organizações militares, a “Associação Brasileira de Escritores e Jornalistas Espíritas”, na área do jornalismo, a “Associação de Divulgadores Espíritas”, na área da comunicação em geral, o “Instituto de Cultura Espírita do Brasil”, etc. Consultado a respeito do assunto, assim se expressou o confrade Juvanir Borges de Souza, Presidente da “Federação Espírita Brasileira”:

"O Espiritismo é o Consolador Prometido por Jesus e que deveria aparecer quando a Humanidade estivesse apta a compreender o Seu ensinamento, velado em parte nas suas parábolas. Ele não veio destruir as demais religiões mas acolhê-las a medida que a Humanidade evolui. A Doutrina Espírita é progressiva e dinâmica, justamente para atender a esse processo evolutivo, que é inarredável. Apesar de ter seus fundamentos bem definidos, o Espiritismo não é uma verdade pronta e acabada pois que progride com a capacidade de compreensão da Humanidade. A partir dessas premissas, não é difícil prever o avanço do Espiritismo no Brasil e no Mundo, uma vez que isto nos parece assegurado não só pela sua natureza evolutiva, mas porque é a Religião Natural cujos princípios nos chegam de Deus, através das revelações dos Espíritos Superiores e, como tal, será forçosamente o berço acolhedor para o qual se encaminham todas as demais religiões, à medida que se libertem das concepções dogmáticas que lhes foram impostas pelo interesse e pela ambição dos homens que as criaram e dirigem."

Se o Brasil tem a missão de conduzir a bandeira da fraternidade entre os povos, sendo chamado de "Coração do Mundo e Pátria do Evangelho", conforme assinalado no livro *Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, pessoalmente acredito que ao Maranhão também foi reservada uma missão espiritual de relevo, considerando a conjugação de vários fatores entre os quais a forte miscigenação de raças, com a presença marcante do negro, índio e do europeu, particularmente o francês. Até mesmo a posição geográfica do Maranhão representa, a meu ver, um convite ao sentimento de confraternização, pois embora ele se situe na região Nordeste, apresenta características também de outras regiões, representando um elemento de ligação. Com essas colocações quero apenas ressaltar que o Maranhão, por ter um povo de índole pacífica e hospitaleira por natureza, oferece todas as condições para que as religiões populares cresçam, não somente o Espiritismo. Neste sentido, há uma forte tendência para que no próximo século seja acentuado o fenômeno do pluralismo religioso, sem prejuízo do crescimento de cada religião em particular. Cumpre ressaltar, entretanto, que o fato de o Brasil ter recebido essa missão não significa isto nenhum privilégio perante as demais nações do mundo. Ao contrário, implica essa destinação em graves responsabilidades para o povo brasileiro em relação aos outros povos, pois terá que se conduzir com os valores da brandura, da paz, da solidariedade, enfim, da verdadeira fraternidade, de que tanto necessita o mundo para uma convivência harmoniosa e feliz.

COORDENAÇÃO: Comentários - FERRETTI (UFMA; INTECAB).

Nos agradecemos ao Osmir pelo seu entusiasmo pelas suas perspectivas de avanço do espiritismo, por apresentar essas perspectivas aqui e, sobretudo, por trazer essa contribuição de mostrar a importância da Internet para as religiões. Há pouco tempo eu estive num congresso, em que se discutiu a Internet (GRS). Um trabalho do Rio Grande do Sul, discutia a Internet nos grupos evangélicos e o crescimento da Internet nessa área. Nas religiões afros me parece que também há, um trabalho talvez menor, mas já vários sites da Internet que também apresentam casos e há grupos de estudos também sobre a religiões afros. Nós passamos agora a palavra aos debatedores, ao professor Lyndon Santos, que é pastor, Congregacionista, professor da UFMA.

1º Debatedor: Lyndon Santos (Igreja Congregacionista; UFMA)

Boa noite a todos. Quero agradecer o convite e a oportunidade de está aqui participando dessa mesa e do debate que tem se desenvolvido desde 3ª feira. A minha fala vai se limitar a análise das tendências presentes no campo evangélicos, marcadamente pentecostal e em

apontar caminhos que o universo evangélico tem demonstrado no presente. É bom esclarecer para nós o aumento dessa minoria. Os evangélicos, presentes no Brasil desde meados de Século XIX, nos últimos 20 anos têm conquistado uma visibilidade maior, sobretudo na mídia, e têm marcado um perfil religioso. Têm, além do crescimento numérico, tido um crescimento também na paisagem social. Quero dizer que, os evangélicos se tornaram uma minoria maior, ainda que continuam ser uma minoria, e a maneira como a mídia secular tem tratado os evangélicos, generalizando um perfil que não é de todos os segmentos evangélicos, de todas as igrejas, de todas as denominações... Assim, certas atribuições a um certo movimento, a certo segmento, tem sido generalizado para todos os evangélicos. Sendo assim, tratar do universo evangélicos é partir do ponto de que é um universo fragmentado, diversificado e que deve isso ser levado em conta.

Qual o futuro dos evangélicos no Maranhão? Qual o futuro dessa fatia crescente no contexto urbano, sobretudo aqui no Maranhão? Na verdade faltam pesquisa e análises a cerca desse crescimento regional e, principalmente, sobre o crescimento do pentecostalismo na sua última forma denominada neo-pentecostal. Na verdade, eu estou usando aqui alguns termos que se eu fosse explicar levaria muito tempo, mas acho necessário esclarecer que, dentro do contexto evangélicos, é preciso distinguir os evangélicos históricos, os evangélicos pentecostais e os evangélicos neo-pentecostais.

Os evangélicos históricos, foram os que 1º chegaram, a partir de meados de Século XIX. Os evangélicos pentecostais, começaram a chegar a partir do Século XX, a partir de 1910. Os neo-pentecostais representam esse último movimento, dos últimos 20 anos, representado pela “Igreja Universal do Reino de Deus”, “Igreja Internacional do Reino de Deus” e outras comunidade evangélicas, e é um movimento mais recente, um perfil mais recente.

Os evangélicos históricos, são as igrejas tradicionais oriundas dos Estados Unidos e Europa, tais como: a igreja Batista, a igreja Metodista, a Presbiteriana, a Congregacional e a Não Congregacional. Os evangélicos pentecostais são representados pelas Igrejas: “Assembléias de Deus”, que são a maior denominação evangélica do Brasil, e pela “Congregação Cristã do Brasil”, principalmente por esses dois ramos. E esse neo-pentecostalismo tem apresentado um perfil que não deixa de ser um remodelamento ou um desdobramento dessas matrizes dos evangélicos, dos protestantes no Brasil. É uma religião eminentemente urbana, herdando traços e, ao mesmo tempo, superando e rompendo o “elo” com o protestantismo tradicional e pentecostal. E a direção, a tendência desse neo-pentecostalismo, com mais visibilidade recente, que deve contar com 4 a 5 milhões de adeptos, não é? Só a “Igreja Universal do reino de Deus”, deve ter aí seus 4 milhões de adeptos e os outros movimentos, contando com mais de 1 milhão de adeptos.

No Brasil e na sociedade, nós estamos vendo evangélicos assumindo um postura diferente diante da cultura. E esse movimento evangélico começa assimilar, a incorporar ao seu ritual, à sua visão de mundo, elementos culturais, traços básicos do contexto brasileiro, que é marcadamente festeiro, mágico e místico. Ou seja, pela 1ª vez, nós estamos vendo no Brasil um protestantismo que se torna festeiro; mágico e místico, o que é próprio das religiões afro-brasileiras e do próprio catolicismo popular. É o protestantismo que se torna mais sem crédito no seu ritual e na sua visão de mundo, ainda que na sua retórica, na sua pregação de mundo, a “Igreja Universal do Reino de Deus”, por exemplo, combata as entidades afro. Das religiões afro, na verdade, ela acaba incorporando no seu ritual prática semelhantes aos rituais afro. É um ponto polêmico e que ainda precisa ser melhor trabalhado. Mas, esse neo-pentecostalismo, acolhe então traços do imaginário social brasileiro. Pela primeira vez, abandona o que é tradicional, marcante, melhor dizendo, do protestantismo brasileiro, que é uma moralidade culpada, de ênfase moralista, a ética da diferença, e mergulha na onda do prazer e do consumo próprio do capitalismo vigente. A teologia denominada “de prosperidade”, racionaliza a sede do bem estar físico da classe média, na ênfase à prosperidade, à saúde e ao sucesso. Ingressa na política, reproduzindo práticas corporativistas, almejando a realização do sucesso, do seu projeto de re-cristianização do país, através do alcance da conquista do poder supremo. Ou seja, eu estou tratando aqui de

“um” perfil do contexto evangélico, eu não estou falando aqui de todos os evangélicos. É preciso fazer essa distinção. São as tendências que esse neo-pentecostalismo tem, que tem caminhado dos últimos 20 anos para cá. O futuro desse neo-pentecostalismo é ser cada vez menos protestante. Ser politicamente bem estruturado, por exemplo, a “Universal do Reino de Deus” já pensa na formação de um partido político, ser de maior visibilidade, ou seja, cada vez mais estar presente na mídia, utilizar Internet e conquistar esses espaços e todos os veículos de comunicação. Em 4º lugar, tornar-se-á ou está se tornando, melhor dizendo, uma forma institucional, mas com uma fraqueza cultural de uma contra-cultura ou de uma contribuição cultural nova e relevante para a sociedade brasileira. E, pelo fato dessas igrejas montarem uma estrutura empresarial e mercadológica, elas tendem a conquistar mais clientes do que fiéis, ou seja, é uma massa de evangélicos que cresce sem convicções de ortodoxia marcadamente bíblica, evangélica, de uma visão de mundo evangélico, e que, na verdade, incorporam visões que originalmente são estranhas ao protestantismo.

Agora, tem se falado que esse método do neo-pentecostalismo, sobretudo o perfil que a “Universal do Reino de Deus” está mostrando, esse neo-pentecostalismo, não deixa de provar o quanto o protestantismo, não somente no Brasil, mas em toda América Latina, tem apresentado uma capacidade dinâmica de “inserção” e de acomodação às transformações sociais, tanto quanto ou mais outras religiões que tem apresentado. Talvez seja esta uma dificuldade do primeiro palestrante, no sentido de como preservar a cultura da oralidade numa sociedade que se torna cada vez mais fragmentadora da memória e da popularidade, numa sociedade que enfatiza a imagem, o discurso, os sentidos e, muitos menos, a memória e a oralidade. O protestantismo, então, tem essa capacidade de se adaptar e os outros evangélicos que combatem, ou seja, que até não aceitam muito a tendência desse neo-pentecostalismo, não estão encontrando a mesma dinâmica de adaptação e sobrevivência que essa última onda neo-pentecostal tem assim demonstrado. Os evangélicos estão sendo forçados e essa é uma tendência para o nosso futuro, estão sendo forçados a conviver numa pluralidade, numa sociedade que é plural, ou seja, deixaram de ser um gueto e estão sendo forçados a participar de uma mesa como esta, por exemplo, para ouvir posturas diferentes e afirmar a sua identidade dentro do contexto de globalização, de regionalismo religioso. Agora, permanecerá, melhor dizendo, a dificuldade que os evangélicos tem de acolher a visão de mundo de outras expressões religiosas. Isso para mim, me parece que vai continuar. Vai permanecer um ponto conflituoso, o de acolher as visões religiosas de outras expressões religiosas. E um problema que os evangélicos têm é discernir a herança cultural, da visão religiosa que ela está assim misturada, não é? Existe a tendência a jogar fora o bebê com água suja, quer dizer, os evangélicos não conseguem discernir a cultura, a herança cultural-afro, da visão mágica de mundo próprio dos cultos afro brasileiros, daí a dificuldade de relacionamento. E isso é reforçado pela sua teologia, que atribui a própria cultura, não à visão de mundo, mas a cultura, essa carga demoníaca. Isso vem da Idade Média, isso não é próprio do protestantismo, isso é medieval, veio com a herança do catolicismo Ibérico que chegou até nós. E essa dificuldade, me parece que vai permanecer assim, não sei até quando. Há contextos evangélicos que já estão fazendo esse diálogo, que já estão fazendo essa ponte, mas são grupos bem reduzidos, de tendência mais ecumênica que já fazem um diálogo, uma ponte, com os cultos afro-brasileiros e que estão abrindo caminhos e perspectivas para um diálogo inter-religioso. A própria igreja católica, tem aberto espaço para esse diálogo inter-religioso. De maneira geral, é isso que eu tenho percebido, de pesquisa e também empiricamente, da tendência dos evangélicos neo-pentecostais, de uma minoria que se torna maior, com maior visibilidade, que se acomoda à sociedade brasileira, rompe com o próprio estilo do protestantismo brasileiro e que caminha num processo de institucionalização, de acomodação e de incorporação dessa matriz religiosa brasileira, tanto do catolicismo popular, como dos cultos afro-brasileiros. Ou seja, no ritual neo-pentecostal estão presentes elementos, tanto do catolicismo popular, como dos cultos afro-brasileiros. Agora, é claro, que dentro de uma roupagem, de uma leitura pentecostal, neo-pentecostal, de ligação e de incorporação ao mesmo tempo. É difícil reconhecer isso, mas há, por parte deles, essa realidade, essa experiência litúrgica e ritual.

Eu preciso dizer também, antes de terminar, que os evangélicos do Brasil têm uma história também de resistência, uma história também de perseguição, na medida em que foram sempre identificados como minoria religiosa, e sobretudo os pentecostais. Sobretudo os pentecostais, que apesar de sua agressividade, na sua pregação, no seu proselitismo, eles sempre foram perseguidos, discriminados pelo seu perfil social de negação do outro. Mas eles também conseguiram se impor nessa sociedade, conseguiram conquistar seus espaços, ainda que tenham sofrido também essas discriminações religiosas, por parte das elites popularizadas, por parte da própria religião tradicional predominante no Brasil.

Há ainda uma história a ser resgatada, contada, de tolerância e dogmatismos de ambas as partes, por todas as religiões, e que os pentecostais conseguiram alcançar também o seu espaço. Quero dizer que, como um teólogo, mais do que pastor, como teólogo e também como historiador, faço críticas e autocríticas ao processo que o protestantismo no Brasil tem conhecido. Ainda que esteja profundamente identificado, incarnado e simpatizado com esse movimento. É que tem trazido também mudanças e benefícios para a sociedade do Brasil. Obrigado.

2º Debatedor: Aniceto Cantanhede (CCN; Antropólogo)

Boa noite. Apesar de anunciado, a minha formação é Antropologia, o que poderia fazer alguém pensar que eu também pesquiso na área religiões, mas isso, na verdade, não se dá. A minha área de pesquisa, eu me inicio na pesquisa, na área do movimento negro, na área das chamadas comunidades negras rurais e a minha participação aqui, vai se dar muito mais no sentido de representante mesmo, do “Centro de Cultura Negra”, tentando fazer uma relação, estabelecer uma relação entre o movimento negro e a importância dos cultos afro-brasileiros ao próprio movimento negro.

Para falar um pouco sobre a história do “Centro de Cultura Negra” e do próprio movimento negro, dessa relação com os cultos afros, eu vou me basear numa pesquisa recente, numa sistematização de Ana Eugênia, do movimento universitário negro, que defendeu uma monografia no Curso de Ciências Sociais, onde ela retrata a participação de Mundinha Araújo, do “Centro de Cultura Negra” e, dessa forma, ela também fala da origem do “Centro de Cultura Negra”, de como ele se originou.

Pois bem, o movimento negro atual, ele surge em 1978, da forma como atualmente ele está atuando na sociedade brasileira, com a realização de um ato público, em praça pública, que contestou a morte de um jovem negro em S. Paulo, e pela exposição (?) de um clube esportivo de São Paulo. Com essa situação de discriminação racial que a gente vê se repetir agora, com dois casos aqui em São Luís e dois outros em Minas Gerais, agora esse mês, e este ano, lá no Centro de Cultura Negra, eu, particularmente, recebi mais outros, além desses dois que já citei, mais uns 4 casos. Porque tem racismo, agente encontra uma certa busca das pessoas que são militantes dessa situação a denunciar isso. E assim foi em 1978, por conta desse ato público em São Paulo, surgiu um movimento negro unificado, uma instituição, uma entidade do movimento negro à nível nacional. E esse ato público também influenciou a formação do “Centro de Cultura Negra do Maranhão”. Ele foi criado em 1979, com a presença, já aqui em São Luís, de pessoas originárias de São Paulo, como o professor Isidoro Cruz, que se juntam a Mundinha Araújo, a Luís Alves, a Rosário, a Luís Carlos Guerreiro e a outras pessoas que fundaram o “Centro de Cultura Negra no Maranhão”. Foi influenciado por aquele movimento, mas ela era muito mais baseada na constatação de que pessoas negras que começavam a ir à Universidade, que começavam a ter um pouco de acesso à informação, começavam a perceber a questão da discriminação racial, em São Luís também e decidiram formar um Centro de Cultura. Dessa forma, o movimento negro ressurgiu em 1978, porque, na verdade, a “Frente Negra Brasileira”, que foi ceifada, foi colocada fora da legalidade em 1937, pela ditadura de

Vargas, ela foi um entidade do movimento negro com expressão nacional, fundada na década de 1920 ainda, que tinha muitas pessoas a ela ligadas e que teve a sua origem também em alguns outros movimentos de pequeno porte. Esses movimentos de pequeno porte como, os originários das ordens religiosas ligadas às igrejas do Rosário e da igreja da Conceição, tidas como igrejas dos homens pretos, como eram chamados, mostra já a emergência de um movimento negro no começo do século, baseado em torno dessas ou nessas instituições de base religiosa. Também, mesmo no período da escravidão, na Bahia, se observa o fato dos quilombolas, dos escravos que se revoltaram com a escravidão, estando ligados a certas casas de culto, aos candomblés da Bahia. Portanto, a origem do movimento negro está também muito ligada ao culto afro. Tem essa ligação histórica. Além disso, o movimento negro tem uma fonte de formação de sua identidade, que aponta para africanidade, exatamente dos cultos afro, a parte da cultura negra que conseguiu sobreviver a todo massacre cultural que nós negros fomos submetidos.

Então, a prática religiosa das casas de cultos, a sua forma de organização, as suas doutrinas cantadas em dialetos africanos, todos esses dados são fontes em que nós nos baseamos para estabelecer a nossa identidade com base numa origem africana, são fontes que nós valorizamos, que nós temos como de extremo valor para construir a nossa identidade enquanto povo, que nos permita lutar no futuro, inclusive, contra toda forma de discriminação a que nós somos submetidos.

Hoje, no CCN, que mantém o bloco afro chamado Akomabu, nós podemos perceber a presença de pessoas de várias afiliações religiosas, mas é patente a presença de pessoas afiliadas a cultos afros, tanto na direção da entidade, quanto entre os tocadores do bloco afro Akomabu. O bloco afro Akomabu surgiu como os blocos afros da Bahia, mas ele tem um jeito de tocar, que é diferente da Bahia, exatamente pela influência dos tocadores que foram formados aqui, oriundos em grandes partes nos cultos afros. Portanto, há uma relação não oficial, mas de extrema valorização dos cultos afros. Nesse sentido, os cultos afros sempre foram fonte, o ponto de resistência da cultura negra nesse país. Grande parte da origem cultural, da cultura original dos escravos, não foi possível ter continuidade, mas, exatamente, a religião resistiu e é presente e atuante até os dias de hoje. Marca como algo forte e de valor, que veio com os africanos para cá, trazidos por eles. É o que nos diferencia, por exemplo, dos negros americanos. Nós temos uma marca de africanidade muito mais forte. Lá eles não têm o que nós temos, não foi possível preservar isto lá. Aqui, apesar de todos, o povo negro conseguiu preservar religiões de uma tribo africana, que são atualizados, que se encontram em funcionamento na sociedade brasileira atual.

Se nós acreditamos que podemos nos apropriar do conhecimento letrado; acadêmico, que de toda forma pertence à sociedade que fazemos parte, podemos considerar que uma das conclusões a que chegou o conhecimento antropológico é exatamente relativo ao respeito às diferenças. É o que de mais moderno se pode ter entre as relações povos e cultura. Pois bem, esses respeito à diferença está presente na divisão das pessoas que dirigem as casas de culto afro. No culto afro não há proselitismo, ninguém fica tentando converter adeptos de outras religiões à sua religião, há um profundo respeito pela prática do outro.

Esse respeito à diferença presente nas concepções das pessoas que vivem dos cultos afros, vão de encontro ao que só no futuro poderá estar dissimulado na sociedade, isto se acreditando no processo de apropriação contínua da sociedade, do que hoje está restrito ao conhecimento letrado, acadêmico, representado pela Antropologia.

O que é dito como tradicional, da cultura negra, com respeito à diferença religiosa e a preservação do meio ambiente nas comunidades negras rurais, só agora passa a ser mais vagamente valorizada na sociedade brasileira como um todo. Isso é o futuro, tanto a preservação do meio ambiente; quanto o respeito à diferença. Nós já éramos modernos e o novo é o que nosso povo já tinha. Portanto, podemos vislumbrar boas perspectivas não só para a religião que o negro trouxe para essa terra, mas também para as comunidades rurais. É apenas uma questão de estarmos seguros disto e também valorizarmos a nossa tradição, que

só agora poderá ser reconhecida como “o novo” e que também faz parte do que nós queremos para o futuro.

Com relação ao que foi apresentado aqui, eu sinto que os participantes da mesa chamaram atenção para o futuro da modernidade que suas várias afiliações religiosas apontam. Só na fala do representante do culto afro, eu senti que apontou para uma perspectiva não tão forte, exatamente porque não se faz acompanhar de um caminhar que está preso à tecnologia, mas, no entanto, eu estou “sacando” do que eu apresentei aqui agora, que aponta para um futuro, que é a questão do respeito às diferenças presentes em sociedades, respeitando as outras opções religiosas. E isso não é algo novo, não é algo que está sendo aprendido a partir da Antropologia, como o próprio Euclides colocou aqui, não é? É algo que ele aprendeu com a oralidade e a oralidade não é alguma coisa que vai se perder com o advento da tecnologia. A mesma coisa se dizia do campo (área rural), o campo vai desaparecer com o advento da tecnologia na agricultura, eu me lembro disso porque é a minha área específica de trabalho. No entanto agora, com toda a crise de emprego, o que se aponta para o Brasil? Qual a solução que se está apontando? A agricultura familiar, não é?! Então, há um resgate do próprio trabalho no campo, com base na agricultura familiar. Quer dizer, uma coisa que estava, a termos teóricos, fadada ao desaparecimento, é o que se aponta de novo, para a sociedade brasileira, é o nosso futuro. Então, da mesma forma, as religiões afro, pelo seu carácter de respeito à diferença, pelo convívio que conseguem estabelecer com outras religiões, apontam uma coisa nova, que deve ser aprendida, inclusive, pelas outras religiões e afiliações religiosas. Bom, espero que em outro debate a gente possa prosseguir... Muito obrigado.

3ª Debatedora: Mundicarmo (UEMA; INTECAB)

Quando programamos esse Seminário, nós combinamos nas reuniões do INTECAB que, se alguma pessoa convidada faltasse, nós completaríamos a mesa. Havia uma preocupação, um receio, que o convite do INTECAB pudesse não ser aceito pelos líderes e representante das religiões que não têm origem africana. Isso porque o INTECAB, apesar de não ser um terreiro, nem Federação de casas de cultos afro-brasileiros, é uma instituição muito diretamente ligada à religião afro. Existe, inclusive, no seu Estatuto uma exigência de que os cargos mais altos, de Coordenador, Vice-Coordenador, membro do Conselho Religiosos, sejam exercidos por pessoas iniciadas na religião afro. E nós tínhamos receio de que essa característica viesse afastar os nossos companheiros não afro: espíritas, evangélicos e outros. Mas, nós ficamos muito contentes, e aliás, isso é um sinal de que alguma coisa está mudando nessa virada de século, quando percebemos que o convite foi bem aceito, que a preocupação ecumênica não é só nossa e da Igreja Católica, as que a têm declarado mais abertamente. Parece que há uma preocupação geral, uma necessidade de aproximação, de conhecimento e de colaboração, naquilo onde é possível, entre pessoas de religiões diferentes.

O INTECAB conhece, perfeitamente, a diversidade religiosa, não só no campo denominado “afro-brasileiro”, mas também fora dele, na sociedade brasileira. Então, nós partimos, nesse Seminário, da idéia de que religiões populares são aquelas que são produzidas ou praticadas pelas camadas populares. Assim, mesmo aquelas que nasceram, por exemplo, na Europa, ou que foram muito ligadas a elites econômicas ou culturais, quando adotadas pelo povo, elas assumem algumas características especiais e essas características, às vezes, fogem ao controle da hierarquia (dos sacerdotes e ministros). Eu estou aqui pensando mais na Igreja Católica e na religião afro, porque é sobre elas que eu tenho maior conhecimento. Com o espiritismo e com as igrejas evangélica eu tenho pouquíssima aproximação.

No catolicismo, eu fui educada em casa. Minha família toda é católica e tem vários padres e freiras na família. Passei sete anos no Colégio Santa Teresa, das irmãs Dorotéias, militei oito anos de Ação Católica (aqui nesse auditório só vejo o Padre Miguel que era também daquela

época, acho que ele é o único dos “velhos tempos”, não é?). Na religião afro eu tenho uma ligação que começou como pesquisadora, como antropóloga, e que já tem uns 15 anos, por aí. Desse modo, o meu conhecimento é maior nesses dois campos.

A gente sabe, perfeitamente que, no caso do catolicismo, algumas medidas às vezes são adotadas pela Igreja, em nome de uma maior participação popular ou de maior aproximação com o povo, e a gente, que é pesquisador, fica observando que elas até podem produzir o efeito esperando, mas o povo, muitas vezes quando sai da igreja (templo) e cultua os santos, por exemplo, ele volta ou continua o sistema antigo. Eu estou pensando no uso do latim, que foi substituído na liturgia católica, mas que aqui em São Luís, como todo mundo sabe, é adotado nas comunidades populares, principalmente nas afro-brasileiras, que também se afirmam católicas. Nos terreiros, quando se cultuam os santos, reza-se uma ladainha e rezas que acompanhavam as antigas Bênçãos do Santíssimo, em latim, que hoje talvez não sejam conhecidas por muitas pessoas do catolicismo oficial. O povo gosta da nova liturgia católica, mas gosta também muito do latim e valeria até uma pesquisa sobre o “por que” dele continuar fiel ao latim.

Nós temos no nosso país um leque grande de religiões populares. Algumas são mais hegemônicas, outras são praticadas por grupos pequenos, às vezes de imigrantes, umas são religiões muito antigas (que chegaram ao Brasil com os primeiros colonizadores), outras, como algumas orientais, foram trazidas para cá um tanto recentemente. Existe também religiões e Igrejas surgidas no Brasil, como é o caso da Igreja Católica Brasileira, que eu não tenho muito conhecimento, mas que, quando morei em São Paulo (1987-1991), vi que acolhia as comunidades afro-brasileiras, que às vezes parecia nem saber que havia uma Igreja Católica Romana e uma Igreja Católica Brasileira, ou parecia não saber distinguir um templo de uma de um templo da outra. Uma vez, fui a uma festa de Santa Bárbara num terreiro e a Missa foi realizada numa igreja Católica Brasileira. Percebi a diferença principalmente no sermão, quando o padre enfatizou muito a importância de certos santos, como: São Jorge e Santa Bárbara, que, nos meus “velhos tempos” de catolicismo, ouvi dizer que haviam sido “cassados” pela Igreja Romana ou que a festa deles havia saído do seu calendário litúrgico. Como eu estou um bocado por fora das novas determinações dessa Igreja, comecei a perguntar às pessoas presentes se aquela igreja era da Igreja Católica Brasileira e vi que para elas isso não tinha muita importância, o importante é que Santa Bárbara era também cultuada ali e que a igreja recebeu, com honrarias, a sua imagem trazida pela comunidade do terreiro e que esta ia leva-la de volta ao terreiro, em procissão, após a Missa.

Algumas religiões hoje existentes no Brasil têm uma grande preocupação com o seu crescimento e são muito proselistas, estão sempre procurando aumentar o número de seus adeptos e isso é considerado uma missão, uma coisa muito importante. Outras religiões estão mais preocupadas em viver sua fé e em cumprir suas obrigações e não têm esse tipo de preocupação em conquistar novos adeptos ou com a sua ampliação. É o caso das religiões afro-brasileiras, a meu ver, inclusive, porque nelas há uma valorização de toda e qualquer religião e nelas frases como umas que apareceram aqui nesses três dias de Seminário, como: Deus é um só, são muito repetidas pelo povo de santo, dos terreiros. E nelas há uma tolerância muito grande em relação a pessoas que vêm de diferentes religiões ou que são líderes nos terreiros e que são também líderes, por exemplo, da Igreja Católica, nas Comunidades Eclesiais de Base, por exemplo, ou são catequistas. Ferretti dava aulas de religião afro, uma época aí, no Seminário Santo Antônio (Católico) e costumava levar uns seminaristas para assistir alguns rituais de terreiro e, vez por outra, havia certos constrangimentos, de umas moças que eram catequistas e que os padre não sabiam que elas tinham ligação direta com terreiros.

Uma coisa que eu acho, em relação à perspectiva da religião para o próximo milênio, que eu acho que é importante a gente refletir, é que na virada do século passado para esse que nós estamos terminando, parecia que o materialismo, o ateísmo, ia ser dominante. E esse materialismo, esse ateísmo foi muito afirmado e reforçado pela ciência e tecnologia, mas nós vivemos todos esses anos e estamos agora, quase iniciando outro milênio, e estamos vendo

uma coisa bastante diferente: a religião está provocando um interesse muito grande. Atualmente, pessoas, mesmo com formação intelectual alta, que usam bastante a razão, estão muito preocupadas, muito inquietas com questões religiosas. E essa inquietação, inclusive, tem levado a uma trajetória um tanto complicada, de passagens por várias religiões e por diferentes experiências religiosas. Nós estivemos recentemente num Congresso, em São Paulo, sobre Alternativas Religiosas na América Latina, onde um dos conferencistas era um psicanalista e ele resolveu falar a respeito da sua própria experiência de passagem pelo catolicismo, por diversas religiões orientais, pela Umbanda e colocou a perspectivas onde ele se encontrava naquele momento. Quer dizer, para um Século que começou parecendo ser incompatível ser religioso, crente, fiel, e ser um profissional de nível superior, seria difícil se esperar que num Congresso de cientistas fosse possível um tal depoimento, não é?! Num Congresso realizado na USP, reunindo tantos pesquisadores da área acadêmica, quando se poderia esperar que um conferencista se apresentasse como profundamente religioso, inquieta e ainda buscando um caminho?!

Parece também que esse novo Século vai ser marcado por um pluralismo religioso muito grande, não só em relação ao grande número de religiões que estão surgindo, como também de divisões e surgimento de diferentes tendências dentro de religiões tradicionais. O Joel falou aqui na 1ª noite de várias tendências no protestantismo, na Igreja Batista. No catolicismo, a gente conhece bem isso e na religião afro isso é bem conhecido. E parece que isso vai crescer e vai levar a aproximações de umas com outras religiões, apesar da resistência das lideranças das Igrejas, que lutam para manter a ortodoxia. Mas, está difícil segurar essa ortodoxia e a tendência atual parece levar as pessoas a buscar apoio em diferentes fontes, experiências e fazer suas adaptações, às vezes até muito pessoais. E eu acho que isso tem muito a ver com a própria liberdade de crença e esta com o próprio pluralismo religioso. Foi-se o tempo de uma Igreja só e que esta podia dizer: quem pensar diferente, está praticando um crime contra a fé e tem que ir para a fogueira, como ocorreu na Inquisição. Isso hoje é inconcebível, não só porque temos um governo republicano, uma Constituição que afirma essa liberdade de crença, como também porque as religiões estão evoluindo no sentido desse liberalismo e também porque as minorias estão muito conscientes dos seus valores, estão se organizando, estão se impondo e reivindicando o seu espaço. Então, me parece que isso é irreversível, embora a gente saiba que essa palavra é perigosa (de repente pode acontecer alguma coisa que leve a sociedade de volta a pontos que pareciam ultrapassados). Mas, eu acho que é, pelo menos, quase irreversível esse processo. Então, tudo indica que nós não teremos de jeito nenhum uma única religião ou uma religião dominante. É possível que haja maior tolerância e maior aproximação entre diferentes segmentos do cristianismo e que diferentes religiões vão poder sentar juntas e colaborar, traçar um plano de ação conjunta, de enfrentamento a situações que estamos atravessando, a problemas de difícil solução, tudo indica que isso vai crescer. E dizer isso é também falar que parecer que o sincretismo tende a crescer, não apenas em relação aos cultos afros. E me parece que o crescimento do sincretismo está ocorrendo por outra via. Não é mais por causa de uma imposição do colonizador e pela adoção de umas estratégias de camuflagem de uma religião diferente da religião sociedade dominante. Mas, é fruto do conhecimento de diferentes alternativas religiosas, de uma liberdade de pensamento, de expressão e de vivência da própria fé, do próprio cristianismo.

Uma outra frase que também é muito usada atualmente e que também apareceu várias vezes nesse Seminário é: “Ninguém é dono da verdade”, o que significa que todos estamos buscando a verdade, mas ela não é monopólio de ninguém. Me parece que é muito mais salutar, no mundo de hoje, a colaboração, a capacidade de ouvir e entender como essa verdade está sendo buscada e vivida pelas pessoas de diferentes religiões. O sincretismo muitas vezes é apresentado como “aglomerado indigesto” porque quem está de fora acha, não consegue ver a sua lógica. O Joel falou aqui várias vezes em absurdo, referindo-se a tentativas de junção de Batista com Pentecostal, e tem se falado muito que uma pessoa não pode ser da religião afro e católica ao mesmo tempo. Mas, a nível das pessoas que vivem a experiência do duplo

“pertencimento”, não existe contradição, pois essas pessoas fazem a sua síntese ou conseguem uma harmonia entre elas.

Bom, o tempo está avançando e era mais ou menos isso que eu estava querendo dizer. Para finalizar, queria lembrar que o INTECAB tem um lema, que é: “União na diversidade”, que não é sempre fácil de ser vivido, mas é um lema de que a gente se orgulha muito e gostaria de divulgar. Obrigada.

PLENÁRIA: QUESTÕES

NUNES (Movimento Negro)

Eu vou perguntar aqui para o pastor, quando ele fala na questão evangélica, como é que é hoje em dia, em que a Igreja Evangélica se fundamenta para apresentar os cultos afros de modo negativo, que é o que a gente vê geralmente. Aqui também a gente observa um pouco isso no centro espírita. Antigamente, os espíritas pregavam que as entidades dos cultos afro eram inferiores. Eu queria saber se hoje em dia isso ainda existe na concepção deles (do Espiritismo). E eu até me lembro dos pretos- velhos que para eles eram inferiores. Por isso ainda hoje existe muita “Tenda Espírita“ que é da religião africana, se seguisse mesmo Alan Kardec, seriam bem diferentes.

ESPÓSITO (Cohatrac)

A gente coloca a questão a respeito de que se esperava que neste Século houvesse uma tônica materialista muito forte. Eu lembro sempre de Santo Agostinho, que afirma “que o coração do homem permanecerá sempre quieto enquanto não recusar a Deus”. Então, me parece que esta busca ela é do homem, essa relação transcendental é inerente ao homem e ele está sempre em busca. Agora, eu queria colocar para a mesa (qualquer um pode responder, porque me parece que quando a gente falou de perspectiva e quando se fala em novo século, em mudanças de milênio, parece uma coisa séria, parece que tem que acontecer ou que vai acontecer algo e, na verdade, eu penso, que isto já está num processo, que isso é um processo, não é porque vai virar o milênio que vai acontecer, como se fosse um apocalipse. Eu queria que a mesa se recordasse um pouquinho e examinasse se isso não é um processo? Isso é um processo, essas mudanças, essas perspectivas, não vão acontecer, porque são um processo, não devem ser vistas como algo fatalista. Obrigado.

PLENÁRIA: RESPOSTAS

LYNDON (Igreja Congregacionista; UFMA)

Quais são os fundamentos da negação que os evangélicos fazem aos cultos afro-brasileiros?. Fundamentos bíblicos e teológicos. Eu vou responder aqui dentro da cultura dos evangélicos. É que esses cultos, rituais, sobretudo de incorporação, e a inspiração da visão de mundo religioso dos cultos afro- brasileiro, vem diretamente da entidade maligna, do diabo e dos demônios, tendo em vista que o diabo e o demônio, sofreram uma queda cósmica, sendo anjos originalmente criados, e por sua vez têm inspirado e a essas práticas religiosas, não somente hoje nos cultos afros, mas em outros que apareceram no transcorrer da historia de todos os tempos. Então, é essa a visão básica, que justifica a negação dos cultos afro-brasileiros. Por conta dessa visão teológica, os evangélicos acabam negando a cultura afro brasileira. E como, na cosmovisão cristã, o diabo é arque inimigo de Deus, aqueles a quem ele escolhe e chama, e tudo aquilo que vem dele e que é nele inspirado, tem que ser negado e combatido. Isso faz parte da experiência evangélica, por excelência, os evangélicos têm uma experiência

espiritual marcante, que eles chamam de convenção, que demarca o antes e o depois da trajetória humana, de modo que tudo o que acontece depois dessa experiência, desse encontro pessoal com o senhor Jesus Cristo, faz com que esse passado identificado com essas religiões, seja negado por sua vez. Então, a experiência da convenção é um marco, uma fronteira que demarca o antes e o depois, e que reforça, ainda mais, essa negação dos cultos afros. Vou aproveitar essa deixa da resposta, não para defender, porque não precisa defender, mas ajudar no debate, não somente quanto aos cultos afro-brasileiros, mas a religião católica reclama e faz queixa da ação proselitista dos evangélicos sobre os outros campos religiosos. Na cabeça do evangélico aquilo não é proselitismo, é preciso entrar na cabeça dele para entender porque não é proselitismo teologicamente falando. É preciso distinguir proselitismo de qualquer religião ou de qualquer ideologia, mesmo areligiosa, e evangelização. Evangelização seria um conceito mais amplo, aberto, fraterno, mais ou menos de juízo e de crise diante da cruz e da ressurreição, que são fatos centrais na teologia cristã. Na perspectiva evangélica o homem, mais do que buscar uma verdade, ele é buscado por essa verdade; mais do que buscar a Deus, ele é buscado por Deus. Isso é uma inversão que na mentalidade evangélica demarca esse universo que os evangélicos têm diante de outras expressões religiosas.

OSMIR (Federação Espírita)

Em primeiro lugar, como a expressão proselitismo foi bastante citada, afirmamos também que o Espiritismo não é proselitista no sentido de que o proselitismo seria aquela preocupação em aumentar o número de adeptos e não há nessa conceituação a idéia de proselitismo na doutrina espírita, o que há é uma preocupação em que os trabalhos, os serviços a serem oferecidos às comunidades sejam de qualidade e em condição de atender à demanda nas devidas proporções. Em relação à pergunta específica sobre as entidades que dão comunicação nos cultos de Umbanda, tradicionalmente conhecidas como pretos-velhos, índios ou caboclos, que seriam inferiores, essa postura não compactua com o pensamento espírita. O Espiritismo não endossa essa postura porque entende que as vezes, muito embora a maioria delas, pelo menos das que estabelecem esse processo de comunicação, são intelectualmente menos dotadas do que outras que se comunicam em outras práticas, isso é só do ponto de vista intelectual e há situações em que mesmo intelectualmente elas são adiantadas. Elas estão ali dando uma comunicação com muita humildade, simplicidade, mas por trás dessa comunicação, para o conhecedor, se percebe que há uma entidade altamente evoluída. As que estão nesse caso são, inclusive, denominadas “carbono” (?), são muito evoluídas mas estão ali disfarçadas naquele trabalho de Umbanda ou de outra expressão religiosa e estão ali com a finalidade de trazer ensinamentos maiores para que a comunidade possa crescer mais. E outra particularidade é que, do ponto de vista das qualidades morais, da humildade, sinceridade de coração, amor ao próximo, essas entidades, em especial os pretos-velhos, demonstram muito mais adiantamento do que muitas entidades que se comunicam na área do espiritismo e essas entidades também se comunicam lá. Não há nenhuma barreira no campo espiritual para que essas entidades não se comuniquem no trabalho espírita, se existe alguma barreira, elas são criadas pelos homens aqui e não pelos espíritos. Então, no plano espiritual não existe nenhuma distinção entre um espírito de preto-velho, caboclo e índio. Todas elas têm condições, trabalham, se comunicam em qualquer lugar onde sejam chamadas.

MUNDICARMO (INTECAB)

A questão da virada do milênio está sendo colocada porque, como fim de mês e fim de ano, é um tempo propício para se olhar para trás (daí se fazer relatórios, balanços, para rever toda uma caminhada e para orientar o planejamento de ações futuras). A mídia já está fazendo esse balanço e vários segmentos da sociedade estão procurando se revisar e ver o fez e o que pode fazer daqui para a frente. Mas, quando se está olhando para esse futuro se está visualizando o futuro a partir do presente, do que foi feito, do que está acontecendo, do que se pensa que pode acontecer e do que se pensa que precisa fazer para que algumas coisas aconteçam. Aí é que eu acho que essa revisão e essa reflexão são importantes para que se

possa organizar as coisas em uma certa direção, que a gente considera importante, em vez de deixar a coisa fluir espontaneamente.

OSMIR (Federação Espírita)

Em relação à colocação de que essas perspectivas e essas mudanças são um processo, realmente não há uma mudança brusca nessa virada do 3º milênio, como se todas as coisas fossem mudar repentinamente. As mudanças são lentas, inclusive, em coerência com o pensamento científico, não há na natureza, a natureza não dá saltos. Tanto em relação à matéria quanto ao ser humano essas mudanças são muito lentas. Para uma pessoa mudar hábitos cristalizados ao longo de séculos é necessário um período relativamente longo, para que elas modifiquem os padrões de comportamento. Agora, há um fator que precisa ser considerado. Muito embora essas mudanças sejam lentas, há períodos em que elas se aceleram e você pode observar que, de repente, tanto no aspecto religioso quanto em outros setores da atividade humana, algo acontece. Observamos que de repente caiu o muro de Berlim e todo mundo se espantou com aquela mudança brusca. Em alguns períodos históricos essas mudanças têm um ritmo mais rápido para que se atinja um certo nível de evolução da humanidade. Parece que há momentos que ela precisa ser acordada, que ela é tirada daquele sono, daquele adormecimento em que estava. É mais ou menos por aí.

PLENÁRIA: PERGUNTAS

VENINA (INTECAB)

É uma pergunta sobre a aversão dos pastores à nossa religião, pela incompreensão do que denominam demônio. Eu pergunto se na visão teológica o que acontece na Assembléia de Deus, pentecostal, a altas horas da madrugada, é incorporar o Espírito Santo (tem gritos, incorporações, desmaios e tudo isso)?.

GUERREIRO (Movimento Negro)

Uma pergunta para o INTECAB e Federação de Umbanda e Cultos Afro. Estamos beirando o 3º milênio e existem duas religiões (se não me engano, a Assembléia de Deus e a Universal do Reino de Deus) que a nível nacional e regional vivem taxando a religião afro de modo muito pejorativo ou mesmo agindo com genocídio contra os cultos afro-brasileiros, taxando orixás de maneira pejorativa, negativa, como demônios, etc., como se na África não existisse Deus e se Deus não fosse universal e em diversos países desse planeta não existisse valores diferentes. Sabemos também que essa religião afro eleva a auto estima da população negra e na sua descoberta como ser religioso da Mãe África. o Eu queria saber que tipo de providência o INTECAB, que é uma instituição da tradição afro-brasileira, e a Federação de cultos, em conjunto com o movimento negro, tem tomado contra essa reação preconceituosa e genocida contra a nossa religião, o que se tem feito para combater essa desigualdade religiosa.

LYNDON (Congregacionista) - resposta

Para os pentecostais o fenômeno que acontece das línguas não é uma incorporação do Espírito Santo. Eles atribuem aquilo ao batismo do Espírito Santo, à visitação, mas não usam a palavra incorporação e nem atribuem aquela experiência a uma incorporação, é esse o entendimento que eles têm. Agora, eu queria levantar uma questão se esse genocídio que foi falado é unilateralmente causado por essa agressividade dos evangélicos. Eu acho que isso tem que ser relativizado. Há fatores mais profundos e fundamentais, a própria dinâmica da sociedade se sectariza, que está por trás disso. É só para deixar em aberto, quem sabe para um futuro encontro. Embora eu reconheça extremos e posturas erradas dos evangélicos, não pode haver uma generalização para todos os evangélicos nessa postura que aqui foi colocada por mim. Obrigado.

UMA SENHORA (não identificada) - pergunta, por escrito a Euclides

O senhor enumera várias nações que, ao longo do tempo, não temos conhecimento de sua existência e, observando que não houve desenvolvimento em algumas casas e que não há

continuidade no trabalho de alguns pais-de-santo, pergunto: será que não houve ao longo do tempo confiança nos adeptos e que isso contribui para o enfraquecimento do culto?

EUCLIDES (Casa Fanti-Ashanti) - resposta

Com certeza a tendência é fazer desaparecer os cultos, mas, veja bem, antigamente numa casa de Mina de São Luís, ninguém era louco de colocar alguém no quarto de preceito para fazer santo (e isso não saía em jornal, era feito secretamente, dado a oralidade) sem que a pessoa tivesse dançado um determinado tempo para poder saber exatamente o que é que está fazendo, por que está ali e quem está reverenciando, enfim. Depois que essa pessoa tinha uma consciência e que os babalorixás e ialorixás também confiavam, isolavam a pessoa que era médium, o elegum, mas o próprio vodum, orixá dava as ordens. Na época eram os voduns, orixás, inkissi, hoje esta coisa está se tornando diferente, as pessoas estão manipulando, querem fazer agora porque não o não sei o que... Mas, antigamente não era assim. Quando você faz um terreiro essa coisa vem lá de dentro, são eles que advinham, que determinam se a pessoa está apta ou não. Uma outra coisa. Falando da perda de zeladores, às vezes não há continuidade porque muitas pessoas de uma casa de culto não têm qualidade, é só curiosidade, é se arrumar para sair dançando com roupa bonita, é aprender para praticar, principalmente quando ficam aqui e ali “catando folha” e querendo botar terreiro. Isso aí é só questão de poder e de dinheiro. As pessoas estão trocando o cultuar por trabalhar (casar e descasar) que são bastante diferença. A crise é universal e mexe com todo mundo. As pessoas vão de casa em casa e uns dizem que é magia, mas não é coisa nenhuma, é crise mesmo: vamos ter fé em Deus, vamos trabalhar, ter fé em nossos orixás e vamos em frente. Então esse culto cada dia se perde. Tem essas nações que você não ouviu falar, mas existiram e ainda tem pessoas mais velhas do que eu para atestar. Essas coisas se perderam e hoje não se tem mais “milhares” de terreiros que se teve aqui. Não sei se respondi sua colocação.

ENCERRAMENTO

SERGIO FERRETTI (Coordenador de Seminário)-

Sobre as providências que o INTECAB e a Federação tomaram sobre os ataques feitos na TV à religião afro, de que falou Guerreiro, a gente pode constatar, encerrando essa mesa, que as religiões são diferentes, pois as condições são diversas, as diferenças vão continuar e que não vamos ter uma só religião. Acho que é saudável essas diferenças, que cada um tenha liberdade de expressar sua cultura e sua religião, mostrar o crescimento do homem. Sobre as providências que a gente pode tomar contra a discriminação, acho que podemos continuar organizando debates como esse, redigir material sobre isso, tentar fazer uma conscientização, uma discussão para evitar os preconceitos, mas a gente não vai chegar a uma igualdade. Mas, mesmo havendo diferenças, cada um pode assumir suas posições e tentar uma harmonia, uma aproximação, uma cooperação com os outros. Eu acho que as providências são nesse sentido. A gente não pode fazer uma coisa muito rígida, mas talvez algumas instituições possam se organizar melhor e algumas estão se organizando. Nesse sentido parece que a INTERNET é um caminho para as pessoas discutirem idéias como as que foram colocadas aqui.

Parece que a gente pode concluir agradecendo a presença de todos, esperando que a gente faça outros encontros como esse, agradecendo os participantes das mesas e a participação do público, que também apresentou suas opiniões. Me parece que esse encontro foi uma oportunidade para a gente expressar um pouco a diversidade da religiosidade aqui no Maranhão e esperamos poder fazer outros encontros semelhantes. No encerramento Pai Euclides com algumas pessoas de sua casa vai fazer uma oração, vai apresentar um cântico religioso.

MUNDICARMO FERRETTI (INTECAB)

Enquanto o grupo se organiza, eu queria dizer que estou inquieta com a colocação de Guerreiro. Acho que o INTECAB pode organizar um encontro para falar das entidades espirituais cultuadas. Eu estou perplexa porque embora se fale o tempo todo em santo (filho-de-santo, pai-de-santo, festa de santo, culto aos santos), parece que quem olha de fora para a religião afro vê um culto ao “demônio”. Então eu acho que está na hora, não de se dizer o que se acha do demônio, mas de se mostrar o que se pensa sobre as entidades, quais são as suas características e de se abrir um debate sobre elas. Nós podemos propor isso numa reunião do INTECAB e, quem sabe, contar nesse debate com a participação das pessoas que colaboraram nesse seminário e de outras pessoas.

ANICETO CANTANHEDE (CCN)

Queria falar ainda sobre uma coisa que se levanta nas Ciências Sociais sobre o Evolucionismo e dessa superioridade branco-européia em relação a outras culturas e da idéia de que os negros são inferiores. Então, é bom a gente reforçar a necessidade de combate a essa ideologia

LYNDON SANTOS (Congregacionista)

Queria recolocar algumas questões em relação aos evangélicos. Os evangélicos estão passando no momento por um processo, como sendo um grupo religioso que precisa aprender a viver numa sociedade plural e com certeza são imaturidades no tocante a diferenças religiosas que se expressam pela via do preconceito. É claro que todo preconceito é condenável na sociedade que a gente está vivendo hoje e a visão teológica confundida, reforça preconceitos e inclusive discriminações raciais. É um processo de aprendizagem a superar. É o que quero dizer.

OSMIR FREIRE (Federação Espírita)

Sobre a colocação a respeito de posturas de alguns espíritas em relação às entidades de Umbanda, se essas entidades são consideradas superiores, nós diríamos que se formos examinar a doutrina espírita em seu conteúdo, não há nenhuma espécie de preconceito. Entretanto, se percebe que em algumas culturas (Na Inglaterra, USA, Europa) existem diferenças de interpretação, não de conteúdo. Como no Brasil há uma forte conotação religiosa, há certa dificuldade de reconhecimento por parte daqueles países que têm uma tendência mais forte para o lado filosófico. Entretanto são posturas individuais ou localizadas e não têm respaldo no corpo doutrinário do Espiritismo. E, por último, gostaríamos de agradecer o convite que nos foi formulado e dizer que nos sentimos plenamente integrados aqui e que vemos com muita alegria esse encontro porque nunca houve por parte do Espiritismo nenhum momento de harmonização com outras correntes de pensamento religioso.

EUCLIDES MENEZES (Casa Fanti-Ashanti)

Como membro do Conselho Religioso do INTECAB estou feliz por esse acontecimento e por ser um dos membros quero também agradecer e até muito mais a essa força saída de uma casa-matriz que até os dias de hoje nos sustenta, que é a Casa das Minas. É lá que nos reunimos, trocamos idéia e procuramos aprender e ensinar. Vou apresentar um cântico agradecendo a Deus e pedindo aos deuses - e aí vai aquela polêmica sobre quantos deuses, pois os deuses que nós nos referimos são costela, corpo, pé e cabeça, um membro da natureza, pois a natureza tem um respaldo muito grande, tem o seu corpo e cada corpo nós nos referimos como um membro, um filho de Deus.

MARIA CELESTE SANTOS (Coordenadora Local do INTECAB)

Nesse momento quero fazer um agradecimento a todo o pessoal que nos acompanhou nesses dias de sacrifício - sair de casa todo dia para participar de uma reunião. É a primeira vez que o INTECAB se reúne com diversos representantes de outras religiões e por isso agradeço de coração, junto com os outros que levantaram essa polêmica sobre essa religião afro sofrida. O nosso muito obrigado a todos. Queria agora pedir um momento de silêncio e oração por uma grande mãe que faleceu em Salvador, onde nasceu o INTECAB, que no momento da abertura nos passou.

CANTICO DE ENCERRAMENTO: Casa Fanti-Ashanti

Cântico da Santeria cubana Arará, de origem dahomeana, gravado no LP: *“Antologia de la musica afrocubana*, vol. 1: viejos cantos afrocubanos“ EGREM, 1981 (Faixa 9, Lado A).
